

[TT00394]

Crocodilo também chora

Aziz Bajur

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

Crocodilo também chora

PERSONAGENS :

GIL (gay, 30 anos mais ou menos)

VADO (irmão de Gil, gay, 26 anos mais ou menos)

BETO (irmão de Vado e Gil, gay, 28 anos mais ou menos)

SANDOVAL (40 anos, chantagista, elegante, distinto)

SANTINHA (velhinha adorável, vovó)

CÍCERO (jovem, bonito, um pouco malandro)

CENÁRIO : SALA DE APARTAMENTO, PORTAS PARA QUARTOS DE GIL, VADO E BETO, PORTA BANHEIRO, PORTA ENTRADA.

Ato 1

Cena 1

MANHÃ DO PRIMEIRO DIA

AO ABRIR A LUZ CÍCERO ESTÁ CAÍDO NUM CANTO DA SALA, MORTO. A ÚNICA ROUPA QUE USA É UMA VELHA E DESBOTADA CAMISOLA. TEM A CABEÇA ESCONDIDA DEBAIXO DE UM SOFÁ OU OUTRO MÓVEL.

VADO ESTÁ DENTRO DO BANHEIRO, BETO EM SEU QUARTO E GIL ENTRA EM CENA, TRAZ UMA ESCOVA DE DENTES E UMA TOALHA ENROLADA NO PESCOÇO, VAI ATÉ A PORTA DO BANHEIRO, TENTA ABRIR...

VADO - (off - dentro do banheiro) Tem gente.

GIL - (fica nervoso, olha para onde está o corpo de Cícero, não se assusta, pensa, vai até perto, resolve, encosta na parede, aponta o corpo, toma fôlego e grita) AAAiiii.

VADO - (off - dentro do banheiro) Aaaaa. (sai do banheiro)

BETO - (dentro do quarto) Aaaaa... (sai do quarto)

VADO - (que está tremendo encostado na porta do banheiro, para Beto) Porquê você gritou?

BETO - Eu gritei porquê você gritou...e você, porquê gritou?

VADO - Porquê Gil gritou...(olha para Gil) Porquê você gritou Gil?

GIL - (imóvel, ainda apontando o corpo) A...a...a... ali...um cadáver.

BETO - (um pouco falso) Aaaaa.

VADO - (também falso) Aaaaa.

BETO - (falso) Quem é?

VADO - É caça sua?

GIL - Claro que não... nem sei quem é ... olhe, não dá prá ver a cabeça.

BETO - Então, porquê você o matou?

GIL - Quê isso... tá louca? Eu não matei ninguém... só achei o corpo, só isso.

BETO - Bem, se não foi você foi o Vado.

VADO - (ferido) Eu??? Não sou capaz de matar uma barata quanto mais um bofe.

GIL - Antes de saber quem é o assassino temos que descobrir quem é a vítima... me ajudem a puxá-lo daí de baixo.

BETO - Eu não...morro de medo... tenho pavor de defunto... lembram de quando fui obrigado a beijar o papai no caixão? Pois é, fiquei três dias sem dormir.

VADO - (para Beto) - Nojenta? (para Gil) Eu ajudo Gil...(vai até o corpo e sem querer levanta a camisola, olha para o pinto de Cícero) Olhem, parece o do Cícero.

BETO - (olhando de longe) É...tem muita semelhança.

VADO - O tamanho é o mesmo.

Crocodilo também chora

GIL - (reparando) O volume também.

BETO - (choramingando) Será que é o Cícero? Ai, minha Santa Madalena.

GIL - Tem tudo para ser ele.

VADO - (olhando) Que pena, tá mole.

GIL - Claro seu burro, tá morto... me ajude, vamos...(puxam o corpo)

VADO - (olhando) É o Cícero...eu estava certa.

BETO - (de longe, chorando) Cícero, meu gatão... quem teve coragem de fazer isto com você? (para Gil) Ele tá morto mesmo?

GIL - Mortinho da silva...já tá todo duro.

VADO - Todo não...(sem querer) Coitado, era tão gostoso.

BETO - (mostrando ciúmes) O quê?

VADO - Eu quis dizer... era tão bom.

BETO - Agora estou sozinha...me ajude Santa Inácia.

GIL - Quem?

BETO - Santa Inácia é a Santa do dia do meu aniversário.

VADO - Eu gostava tanto dele, me ampara! Santa Teresa D'Avila.

GIL - (para não fica por trás, examinando o corpo) O espírito já abandonou a carcaça... (se dá passes) Valei-me Exú Sete Estradas.

BETO - (apavorado) Agora não Gil...não começa com estas coisas...você sabe que eu morro de medo.

VADO - De quem será esta combinação que ele está usando? (olha p/ Beto)

BETO - Não precisa olhar para mim... eu não tenho camisola.

VADO - Audácia... tem sim, aquela de jersey vermelha.

BETO - O bicha burra... aquilo não é camisola é baby-dool.

VADO - Dá na mesma...

GIL - (que já se deu passes de limpeza) (olhando para Cícero) Onde está a roupa dele? (olha para os lados) Beto, como ele estava vestido ontem?

BETO - Eu que sei? Nem o vi ontem...cheguei em casa depois de meia-noite e fui direto para a cama... nem você e nem o Vado tinham chegado ainda.

GIL - Então, quem abriu a porta para ele?

VADO - Eu não fui.

BETO - (encabulado) Pode ter sido ele mesmo... tinha a chave.

GIL - (nervoso)Tinha? Você deu a chave para ele?

BETO - Dei uma cópia.

GIL - Quantas vezes já disse para não dar chave do apartamento para bofe... já esqueceu do Benê? Aproveitou que nós estávamos trabalhando, entrou aqui e fez uma limpa geral.

BETO - Quem deu a chave parar o Benê foi o Vado.

VADO - Como eu podia adivinhar que ele era rato...parecia tão bonzinho...

BETO - Era... um santo... roubou até o meu secador de cabelo.

GIL - Pior foi meu gravador...eu só tinha pago três prestações.

VADO - E a minha correntinha de ouro que foi herança da mamãe.

GIL - E com tudo isto vocês não aprenderam... acho que só vão tomar vergonha no dia em que um bofe rato entrar aqui e levar até nossas camas.

BETO - Mas do Cícero ninguém pode falar... ele nunca roubou nada.

BETO - Ele que foi roubado... roubaram a roupa dele.

GIL - E a vida também..

VADO - Gil... talvez ele tenha suicidado.

GIL - De camisola? Impossível... se fosse você seria natural, mas o Cícero não... ele era bofe e não gostava dessas frescuras...quem o matou escondeu suas roupas... não sei prá quê...mas escondeu.

BETO - Se quiser pode revistar meu quarto.

VADO - E o meu também...

GIL - (pensa) De qualquer maneira, o suspeito maior é você Beto.

BETO - Eu??? Isto é uma infâmia... uma calúnia... uma... uma... uma audácia. Porquê ia mata-lo? Eu o amava ...quem ama não mata! !

VADO - Só porquê você quer... mata sim... já esqueceu do Doca? (para Gil) Você acertou na mosca Gil.

GIL - Toda hora no hospital chegam vítimas de crimes passionais... e é sempre a mesma história... ciúmes, brigas e morte... (para Beto) Pode começar a contar Beto.

BETO - Contar o quê ?

GIL - Contar toda a verdade...tim-tim por tim-tim...eu já imagino como foi: ele chegou de madrugada, quando eu e o Vado já dormindo...vocês brigaram. . . e num acesso de bichice furiosa você o matou, não foi assim?

BETO - (nervoso) Você também é suspeito... não esqueça de que, antes de ser meu o Cícero era seu caso.

GIL - (inocente) E daí?

BETO - Daí é que você nunca o perdoou ter preferido a mim e ontem, quando ele chegou, eu já estava dormindo... você aproveitou a oportunidade para cantá-lo, ele te rejeitou, você ficou possesso e o matou...

GIL - Cantá-lo? Sai de mim... eu não queria nada com ele... dei pra você de papel passado... aliás, dei não: joguei fora e você catou... foi ou não foi, Vado?

VADO - Eu não sei de nada... e acho que o criminoso tanto pode ser um (desmunheca) como o outro, (vai saindo de fininho)

BETO - Pera aí, onde a senhora pensa que vai?

VADO - Bem, como não sou suspeito da morte do bofe vou me trocar... já estou atrasado...

BETO - Não vai não...a senhora também é suspeita.

Crocodilo também chora

VADO - Suspeito? Coitado de mim... só conhecia, o Cícero de vista.

BETO - De vista, é santa... de tato e paladar também...

VADO - Você não pode dizer isto... não tem provas.... se tivesse que matar alguém mataria o Jairo que me trocou pelo Marquito.

BETO - Não vem com essa... você estava dando em cima do Cícero... eu sei, eu vi.

VADO - Viu o quê? Eu respeito os casos dos meus irmãos... caso de irmão para mim é mulher.

BETO - Memória fraca hein... já esqueceu de ante-ontem ?

VADO - Não aconteceu nada ante-ontem.

BETO - (para Gil) Gil você lembra que eu estava gripado não foi? Pois bem, eu deixei o Cícero aqui na sala ouvindo música e descí para comprar vitamina C e novalgina na farmácia da esquina , quando voltei o Cícero não estava mais aqui, fui até o quarto da maninha... e lá estavam os dois... sentadinhos na cama.

VADO - Não estávamos fazendo nada demais, ele entrou para bater um papo comigo...me consolar...eu estava triste por causa do Jairo.

BETO - Eu conheço o consolo dele.

VADO - Bruxa... fofoqueira... Já disse e repito: nunca olhei para o Cícero com outras intenções.

BETO - Não? Então me diga: como reconheceu o pinto dele?

VADO - (sem graça) Bem.. é que... eu tive uma intuição.

BETO - Intuição não...você teve uma lembrança...você já tinha visto... e experimentado.

VADO - (histérico) Maldita... Não acredite no que ele falou Gil.

GIL - (firme) A verdade é que você reconheceu o pinto dele Vado.

BETO - E pensando bem, deve ter sido você mesma a assassina..... é mais neurótica... é a psicopata da família...

VADO - Você não pode me chamar de assassina.

BETO - Posso sim...posso e chamo: (xingando) Assassina!

VADO - Está vendo Gil... desse jeito como eu posso vencer meu complexo de rejeição?

GIL - (para Beto) Você não pode chama-lo de assassino Beto, afinal, não tem certeza.

BETO - Foi ela sim Gil... tá na cara... (xinga) Assassina.

GIL - Não tá na cara não... e eu continuo achando que foi você.

BETO - Eu sou inocente.

VADO - (feliz, pra Beto) (xinga) Assassina.

BETO - (revoltado) Querem saber de uma coisa... eu acho que foram vocês duas... uma é cúmplice da outra... (grita) Assassina!!!

CAMPAINHA DA PORTA - SILÊNCIO - MEDO.

GIL - Vai ver quem é Beto.

BETO - Logo eu? Porquê não vai você?

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

GIL - Imprestável. (para Vado) Vai você Vado.

VADO - Tudo eu...tudo eu... (vai até a porta, olha pelo olho mágico) É a Da. Santinha.

GIL - (apavorado) Não deixe ela entrar.

VADO - O que vou dizer ?

GIL - Qualquer coisa...invente uma desculpa.

VADO - (apavorado) Ah minha Santa Filomena... (abre um pouco a porta) Olá Da. Santinha, como vai a senhora?

SANTINHA - Eu vou bem... (tenta entrar, Vado barra a passagem, não abrindo totalmente a porta) (Santinha encabulada estende um prato com um pedaço de bolo) Eu acabei de fazer este bolo de fubá, está QUENTINHO...trouxe um pedaço para vocês.

VADO - (pegando o prato e passando para Gil) Que bom Da. Santinha... nós adoramos bolo de fubá... obrigada.... (vai fechar a porta, Da. Santinha, com o pé não deixa).

SANTINHA - Queria aproveitar para bater um papinho com o Beto.

VADO (sem saber o que dizer) Mas... agora?

SANTINHA - É... o que que tem?

VADO - É que... sabe... tá na hora dele ir pró trabalho.

SANTINHA - (insiste) Eu não vou demorar... é só um minutinho.

VADO - (apavorado, para Gil) O que eu faço?

BETO - (para Gil) Se não deixar ela entrar é pior... pode desconfiar... deve ter ouvido nossos gritos.

GIL - (rápido) (aponta Cícero) Me ajude a levá-lo para o banheiro.

BETO - Eu não... tenho pavor de defunto... já disse.

GIL - (nervoso) Idiota... então busque um lençol, rápido. (Beto vai buscar lençol)

VADO - (para Santinha) Já vou abrir a porta viu Da. Santinha... tá demorando porquê o Beto tá trocando de roupa aqui na sala... tá pelada...quero dizer pelado.

GIL - (estende o lençol que Beto trouxe, coloca sofá em frente de Cícero e senta) Pôde abrir.

VADO - (abre porta) Pronto Da. Santinha... pode entrar.

SANTINHA - (uma velha simpaticíssima) Bom dia para todos. (usa avental)

BETO - (falso, beijando Santinha) Da. Santinha, que prazer... eu sonhei com a senhora esta noite.

SANTINHA - É mesmo? Como foi?

BETO - Foi divino... depois eu conto.

GIL - Obrigado pelo bolo Da. Santinha.

SANTINHA - Não tem de quê... gosto de vocês como se fossem meus filhos. (para Beto) Ah, Beto eu trouxe uma coisa para você. (tira um frasco do bolso do avental que usa) Olhe, é um remédio para sua gripe... é tiro e queda.

BETO - Obrigado Da. Santinha... mas eu já estou melhor.

SANTINHA - Mas guarda... gripe é assim...vai e volta.

Crocodilo também chora

BETO - (olhando com nojo o remédio) Como é que toma?

SANTINHA - Olhe, você faz um chá de limão bem forte, põe um pouco de conhaque e uns dois dentes de alho...depois coloca de 10 a 30 gotas de novalgina e duas colheres de copa deste remédio... não há gripe que agüente.

BETO - Se tiver uma recaída eu vou tomar.

SILENCIO... NINGUÉM SABE O QUE FALAR.

BETO - Gil Está um dia lindo, não?

SANTINHA - (olhando para os lados) É sim...

VADO - A senhora já foi a missa, hoje?

SANTINHA - Claro... sempre vou na primeira missa... nela dá para ouvir direitinho o que o padre fala...nas outras ele já tá cansado e fala tudo pela metade... eu não entendo nada. (levanta e começa a olhar para os lados)

VADO - (assustado) O que a senhora tá olhando?

SANTINHA - Sabe, o apartamento de vocês está um amor.(anda até o corpo de Cícero, os três tremem) O que é isto?

BETO - (tremendo) É o Cí ...

GIL - (corta rápido) ... roupa suja... vai prá lavanderia. (tenta puxar Santinha, ela resiste, olhando)

SANTINHA - Mas este lençol está limpo. (abaixa para pegar o lençol)

GIL - (segura Santinha) A senhora tem razão... (xinga Beto) Porque você colocou este lençol limpo no meio das roupas?

BETO - Eu... eu... (choraminga)

SANTINHA - (ainda querendo pegar o lençol) Pano bom...

GIL - (quase arrastando Santinha) É... foi presente.

SANTINHA - Eu adoro receber presentes... o último que ganhei foi do meu falecido...lembro como se fosse hoje, ele me fez uma surpresa... (senta no sofá) eu acho que ainda não contei isto prá vocês...

GIL - (segurando e quase empurrando Da. Santinha para fora) Desculpe Da. Santinha, depois a senhora conta... agora não vai dar.

VADO - (ajudando) É... eu já estou atrasadíssimo pró trabalho.

BETO - Se eu chegar atrasado hoje o turco me despede.

SANTINHA - Está bem, eu já vou... (vai sair, volta) Ah, só mais uma coisa, quando estava vindo para cá ouvi uns gritos... quem era ?

GIL - Não era ninguém... quero dizer, era o rádio.

VADO - É... nós estávamos escutando o programa do Gil Gomes.

BETO - E ele estava contando sobre um crime que houve esta noite.

SANTINHA - Crime? Quem morreu?

VADO - (rápido) Um velho.

BETO - (em cima) uma moça.

GIL - (em cima) um garoto.

SANTINHA - Os três?

GIL - É ... isto mesmo... acho que foi o esquadrão da morte... mataram e jogaram no rio Tietê.

SANTINHA - Que barbaridade... a gente não tem mais paz em São Paulo... quando vim para cá não era assim não, a gente...

GIL - (cortando e empurrando Da. Santinha pela porta) A noite a senhora conta como era.

SANTINHA - Está bem, vou aproveitar e trazer um pouco de arroz-doce, aprendi uma receita ótima e...

GIL - (empurra e fecha a porta) Ufa.

VADO - Será que ela desconfiou de alguma coisa?

BETO - Não sei não, ela é viva.

VADO - Tá na hora de ir pró salão.

BETO - (mostrando Cícero) O que vamos fazer com o Cícero?

GIL - (nervoso) Eu não sei...

VADO - E se a gente telefonasse para a polícia e contasse que nós encontramos o corpo desse jeito e que ninguém sabe quem matou e nem quem é ele.

BETO - E você acha que a polícia ia acreditar nisso? Já imagino as manchetes dos jornais amanhã: " O MARIQUINHA VADO MATA O BOFE QUE NÃO QUIS NADA COM ELE " .

GIL - O jornal não é nada... pior é o programa do Gil Gomes... pensem o que ele vai falar... (tremem, pensam, entra gravação com voz de Gil Gomes)...e lá estava ele...estava lá, inerte, imóvel... frio e nu...nu...despido...sem roupas...em pêlo...só com uma camisola transparente...uma camisolina etérea... uma curta e íntima camisola que bem poderia ser a camisola do dia... de tão transparente e macia...uma camisola sensual...uma camisola igual a mil outras...dessas que as mulheres usam para receber o seu amado, o seu homem... o seu esposo... o seu cônjuge... o macho de suas vidas... mas ele, ele não era mulher, ele era ele... ele era um homem... um homem registrado e balizado como tal... tendo tudo o que um homem tem... todos os documentos registrando o seu sexo como masculino...pois bem, e este homem... pois era um homem, esta lá, de camisola e nu... e o que é pior, o que é muito pior, o que é infinitamente pior, ele estava mergulhado num mar de sangue... sangue derramado pelas mãos homicidas, mãos assassinas, mãos desumanas, mãos criminosas, mãos impiedosas... mãos que não se unem para orar mas que se unem para levantar a arma assassina, a arma mortífera e desfechar o golpe fatal sobre uma vítima indefesa e só de camisola... Estas mãos...estas mãos sujas de sangue... são mãos hediondas, bisonhas, mãos que não acariciam, mãos que só matam... mãos que não são mãos... são punhais envenenados... são garras afiadas... estas mãos, estas mãos que um dia brincaram de bola, de peteca, de amarelinha, que soltaram pipas e que se exercitaram em prazeres solitários... estas mãos são partes... são membros do cruel, do desumano, do facínora, do monstruoso, do desalmado homossexual, pederasta. bicha, mulherzinha, mariquinha, sodomita, pervertido, efeminado, chibú, andrógino, gay... e porquê não dizer... do viado que atende pelo nome de... (corta gravação)

OS TRÊS - (ao mesmo tempo) Não.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Crocodilo também chora

VADO - (tremendo) O que vamos fazer?

BETO - Ai minha Santa Cecília.

GIL - Vamos cair na boca do povo.

SILÊNCIO - (TENSÃO)-

BETO - Que horas são Vado?

VADO - (olha relógio) (assustado) 8:40, já.

GIL - Hoje o doutor Palhares me mata... (entra correndo no quarto e sai com um avental branco na mão)

BETO - Eu também preciso ir, senão o turco me despede.

VADO - (aponta Cícero) E ele? O que vamos fazer?

BETO - Sei lá... agora não posso pensar nisso... vocês vão jantar na pensão?

GIL - (se arrumando) Claro.

BETO - Então a gente se encontra lá... tchau... (sai rápido)

GIL - Olha Vado se você quer carona vamos logo.

VADO - (que continua olhando Cícero) Mas...e ele?

GIL - A noite a gente resolve... agora não tenho tempo.

VADO - Coitado, (para Gil) Espere um minuto. (entra quarto e sai rápido, com uma bolsa tiracolo) Tô pronto... (vai ate Cícero e faz o sinal da cruz)

GIL - (nervoso) Ah ! Vai rezar o terço ? Tchau mesmo... (vai saindo)

VADO - Espere um pouco... que coisa... (sai atrás dele)... Já tô indo.

CORTA LUZ -

Cena 2

NOITE DO MESMO DIA - ESTÁ TUDO COMO NA CENA 1 - SÓ QUE, DEBAIXO DO LENÇOL CÍCERO ESTÁ SEM A CAMISOLA, COMPLETAMENTE NU. ENTRAM, BETO, GIL E VADO PELA PORTA DA RUA.

GIL - A comida de Da. Maria tá péssima, já tô com azia.

BETO - Eu também.

VADO - (se aproxima de Cícero, temeroso levanta o lençol, grita) Aiiii.

BETO - (assustado) Aiiii.

GIL - O que foi Vado?

VADO - (aponta o corpo embaixo do lençol) (perdeu a voz) Anh... anh...

GIL - (vai até ele, olha para Cícero) (assustado) Não...

BETO - (sem coragem de se aproximar) O que foi?

GIL - (aponta Cícero) Veja você mesmo.

BETO - (chega um pouco mais perto mas não tem coragem de olhar) Não... tenho medo...pavor.

GIL - (arranca o lençol de cima do corpo) A camisola sumiu...ele está nu em pêlo.

BETO - (que pôs a mão no rosto, olha por entre os dedos) Nú?

VADO - É...tá peladinho...

GIL - (olhando de lado para Beto) Só pode ter sido o assassino, sabia que a camisola era uma pista.

VADO - Eu não sai do salão o dia inteiro... tenho testemunhas...

GIL - E eu não arredei o pé do hospital, chegaram três ambulâncias cheias de vítimas daquele viaduto que caiu, passei o dia inteiro fazendo curativos... (para Beto, suspeitando) E você Beto?

BETO - (se defendendo) Eu também não sai de dentro da loja... e vê lá se eu teria coragem de vir aqui sozinho... morreria de pavor.

GIL - (insinuando) Não sei não....para se inocentar um criminoso é capaz de tudo.... até de vencer o... pavor.

BETO - Já vai começar a me acusar? Não fui eu e pronto...(choramingando) Eu amava Cícero...

VADO - Crocodilo também chora...(maldosa)

BETO - (furioso) Crocodilo é a mãe.

VADO - Você ouviu Gil... ela tá chamando mamãe de crocodilo.

GIL - (que está pensando) Parem com essa frescura, desse jeito não consigo pensar.

VADO - Pensar em quê?

GIL - Em tirá-lo daqui... ou por acaso você acha que ele deve ficar fazendo parte da decoração?

Crocodilo também chora

BETO - Isso não... êle tem que sair hoje.

GIL - Pois então, me ajudem a pensar numa maneira.

BETO - A gente podia jogá-lo pela janela... de madrugada.

VADO - Ou então, cortá-lo em mil pedaços.

GIL - E fazer o quê com os pedaços?

VADO - Isso é fácil...todo dia, na hora de ir para o serviço, levamos alguns pedaços e jogamos no lixo.

GIL - E quem vai cortá-lo?

BETO - Você, claro... é enfermeiro, deve entender destas coisas.

GIL - Esqueça, eu não vou esquartejar ninguém.

BETO - Que tem? Ele já tá morto mesmo.

GIL - Então porquê você não corta?

VADO - Se a gente tivesse um caldeirão bem grande e bastante ácido jogaríamos ele lá dentro... igual no filme "Barba-Azul".

BETO - Acido me dá vômito.

GIL - Só tem um jeito... colocá-lo no carro e jogar bem longe daqui.

VADO - (feliz) No alto da serra Gil, lá é tão bonito, tenho certeza que o Cícero vai gostar...o espírito dele.

BETO - E como vamos passar pela portaria com ele? O senhor Joaquim tá lá.

GIL - A gente diz que ele tá bêbado e que estamos levando para uma farmácia, para tomar uma injeção de glicose.

VADO - E ele vai assim, pelado?

GIL - Claro que não...antes temos que vesti-lo...e com uma roupa bem folgada, ele já tá duro como pau.

VADO - (histérica) Ai.

BETO - Eu não tenho roupas folgadas... são todas colantes...

VADO - E as minhas não entram nele.

GIL - Será possível... (nervoso) Vocês não servem para nada.

BETO - (para Gil) Gil, vestido serve?

VADO - Ah! Quer dizer que a senhora comprou um vestido, é? Tá vendo Gil, isto prova que a camisola era dele também.

BETO - (ferino) Eu não tenho vestido nenhum... a senhora é que tem.

VADO - Eu??? Que calúnia...qual?

BETO - A Dama das Camélias...o que você, acha Gil?

VADO - (apavorada) Ninguém vai vestir o Cícero com minha fantasia.

GIL - (pensa) É... pelo menos vai entrar mais fácil... Traga a fantasia Vado.

VADO - Gil, você não pode fazer isto comigo.

GIL - Posso sim, é para o bem do nome de nossa família... vá logo... e traga a peruca também... (Vado contrariado entra no quarto)

BETO - (para Gil) Para quê a peruca?

GIL - Com ela vai ser mais difícil o Sr. Joaquim reconhecer o Cícero.

VADO - (voltando com o vestido e a peruca na cabeça) Lá se vai a minha "Dama das Camélias"... ficou uma fortuna...

GIL - Pare de chorar e me ajude aqui. (Vado começa a ajudar, Beto não sai do lugar)

VADO - (apontando Beto) E ele, não vai ajudar?

GIL - Venha Beto...você também.

BETO - Eu. não...tenho pavor de defunto... já cansei de dizer... tenho trauma de criança...

VADO - Está vendo Gil... depois eu é que sou neurótica.

BETO - É sim... neurótica assassina... não esqueça que nós a estamos livrando da prisão perpétua... ou da câmara de gás...

VADO - Eu não sou assassina.

BETO - Não hein? Cícero que o diga.

GIL - Parem com esta frescura... vocês querem me matar também?

VADO - Beto que é o culpado.

GIL - Me dê a peruca Vado.

VADO - (tira a peruca da cabeça, entrega para Gil) Só a usei poucas vezes.

GIL - (acaba de arrumar Cícero, levanta, olha) Está pronto.

VADO - (olhando) Eu fiquei mais charmosa... dá para fazer uma maquilagem rapidinha nele?

GIL - Nada disso. (para Beto) Ajude aqui, sem desculpa, vamos levá-lo para o carro... cada um pega de um lado.

BETO - E você?

GIL - Vou na frente pegar o carro prá ir adiantando.

VADO - (pegando Cícero por debaixo do ombro) Aí, como ele é pesado... (para Beto) Pega do outro lado Beto.

BETO - (com medo e nojo segura Cícero pelo outro ombro) Pega direito, você tá jogando o peso todo prá cima de mim.

VADO - Você está acostumado a ficar com o peso dele em cima.

GIL - (abrindo a porta e olhando) Não tem ninguém, podem vir.

SAEM CARREGANDO CÍCERO... (tempo) VOLTAM RÁPIDO, GIL ESTÁ SEGURANDO CÍCERO PÊLOS PÉS.

GIL - Coloquem ele no sofá... depressa.

BETO - (jogando Cícero no sofá) Será que ele nos viu ?

GIL - (olhando pelo olho mágico) Está vindo para cá... já passou da porta de Da. Santinha.

SILÊNCIO - CAMPAINHA DA PORTA - OS TRÊS TREMEM.

Crocodilo também chora

GIL - É ele.

BETO - (tremendo) Ai, meu São Francisco de Assis.

VADO - Socorrei-me. São Francisco de Paula.

GIL - Valei-me Chico Xavier.

CAMPAINHA DA PORTA

BETO - (apavorado) Não abre Gil... pode ser da polícia.

GIL - Eu preciso atender... acho que ele nos viu. (abre a porta um pouco) O que o senhor deseja ?

SANDOVAL - (com roupas simples, óculos de grau, lentes bem grossas, um tipo humilde) (só aparece seu rosto) Eu sou do I.B.G.E.

GIL - (assustado) De onde ?

SANDOVAL - I.B.G.E. "Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística"... recenseamento... censo... sabe.

OS TRÊS RELAXAM

GIL - O senhor vai me desculpar mas nós já respondemos o censo.

SANDOVAL - Eu sei... sou fiscal... só vim conferir.

GIL - Fiscal?

SANDOVAL - É, teve um erro nesta região... e eu vou ter que fazer tudo de novo.

GIL - O senhor não pode voltar amanhã ? Estou muito ocupado hoje.

SANDOVAL - Impossível, só falta este apartamento no prédio... olhe, prometo que não vou demorar... (forçando um pouco a porta) é só um minuto... além do mais, o senhor não pode recusar minha entrada... eu trabalho para o governo.

GIL - (para Beto e Vado) Levem ele daqui, depressa.

BETO E VADO TENTAM LEVANTAR CÍCERO, NÃO CONSEGUEM, ELE CAI.

BETO - (para Gil) Ajude aqui.

GIL - (apavorado, para Sandoval) um instante, por favor. (fecha a porta)

OS TRÊS LEVANTAM CÍCERO E VÃO LEVA-LO PARA O QUARTO. ENTRA SANDOVAL, TRÁS UMA PASTA NA MÃO E FINGE SER MUITO MÍOPE. AO VÊ-LO OS TRÊS SE ASSUSTAM)

SANDOVAL - (achando muito natural o que vê) Desculpe ir entrando, prometo não demorar.

GIL - (sem saber o que fazer) Este aqui...quero dizer, esta aqui é nossa irmã Lurdinha... não está passando muito bem e nós vamos leva-la para o quarto. (para Cícero) Vamos Lurdinha.

SANDOVAL - (aproximando) Muito prazer senhorita.

VADO - (que está carregando Cícero pelo ombro levanta sua mão e estende para Sandoval, este cumprimenta)

SANDOVAL - (míope) Belo vestido a senhorita esta usando.

BETO - É... Lurdinha vai casar... êste é seu vestido de casamento.

VADO - Ela ficou muito emocionada ao experimentar o vestido, por isso tá passando mal.

SANDOVAL - (reparando) Gozado... não parece vestido de casamento.

VADO - Eu também acho... mas tá na moda.

GIL - O senhor pode esperar um minutinho? Vamos levar nossa maninha prá descansar e já voltamos.

SANDOVAL - (estendendo o braço) Muito prazer senhorita... e felicidades.

VADO - (levanta braço de Cícero, voz de falsete) Obrigada...

GIL - Vamos... (carregam Cícero para o quarto, Sandoval repara na sala)

VADO - (voltando) Pronto, já tá deitada.

SANDOVAL - Muito simpática sua irmã... (entram Gil e Beto)

GIL - Agora estamos as ordens.

SANDOVAL - Ótimo... (abre a pasta enquanto fala) Como disse antes só vim checar algumas respostas dadas ao recenseador que esteve aqui... (tirando alguns papéis) Bem, vamos começar... (senta e começa a escrever) Quantas pessoas moram aqui?

BETO - Três... (mostrando) nós três.

SANDOVAL - (aponta quarto) E a senhorita ?

VADO - A Lurdinha não mora aqui não... ela mora em Araraquara.... só veio fazer compras para o casamento.

SANDOVAL - (anotando) Muito bem... o nome dos senhores.

GIL - Gilberto da Silva Passos.

BETO - Roberto da Silva Passos.

VADO - Osvaldo da Silva Passos.

SANDOVAL - Ah! São irmãos.

GIL - Sim, somos.

SANDOVAL - Idade, por favor.

GIL - Eu tenho 29 anos.

BETO - Eu 26.

VADO - E eu 21.

GIL - Não minta Vado... ele tem 25 moço.

SANDOVAL - Sexo...

GIL - Masculino.

BETO - (rindo) Feminino.

SANDOVAL - (tolo) O quê ?

VADO - (brincando) Aí só tem masculino e feminino?

SANDOVAL - Só, porquê ?

VADO - Porquê eu acho que é um preconceito ridículo do "Censo".

SANDOVAL - (se fazendo de desentendido) Preconceito ?

GIL - Não liga não moço... (para Vado) Responda direito.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Crocodilo também chora

SANDOVAL - Profissão...

GIL - Sou enfermeiro.

BETO - Eu, Relações Públicas.

GIL - (nervoso, para Beto) Não minta, já disse. (para Sandoval) Ele é balconista, pode pôr aí.

VADO - (debochando) De uma loja da "Zé Paulino".

SANDOVAL - (para Vado) E o senhor?

VADO - Sou cabeleireira... quero dizer...leiro.

SANDOVAL - (mexendo nos papéis) Vamos ver o que falta... Ah! Sim... ordenado dos senhores....(para Gil) Quanto o senhor ganha?

GIL - 95.000,00

VADO - Eu, em média ganho uns 80,000,00

BETO - (encabulado) 60.000,00

VADO - (escandalizado) Você ouviu Gil, ela tá ganhando 60.000,00 e diz prá nós que ganha salario-mínimo. (para Beto) Você mentiu para não ter que ajudar na despesa do apartamento, não é?

GIL - (nervoso, para Beto) Acabou a mamata, de hoje em diante você vai pagar igual a mim e o Vado.

BETO - Mas eu ganho menos que vocês.

GIL - Azar, vai pagar igual e tá acabado. (para Sandoval que escuta a discussão) Mais alguma coisa moço?

SANDOVAL - Hei ?... Ah! Sim, só mais uma coisinha; quanto cada um tem no banco.

GIL - (chateado) Temos que responder isto também?

SANDOVAL - Desculpem mas, tem sim... e não mintam... o Censo está trabalhando junto ao "Imposto de Renda" (ri) e mentir pró leão é crime... (imita leão)

VADO - Pois eu não tenho porquê mentir... tenho 75.000,00 no banco, só isto.

GIL - Eu devo ter uns 50.000,00 na poupança... mais ou menos.

SANDOVAL - Mais ou menos não vale... preciso da quantia exata.

GIL - (sem querer falar) 120.000,00.

BETO - Meu Deus... ela tá milionária.

GIL - Não precisa pôr olho gordo... é economia de 2 anos...

SANDOVAL - (para Beto) E o senhor?

BETO - Eu? Coitada de mim...não tenho quase nada.

SANDOVAL - Quase nada não vale... quanto? E diga a verdade. (imita leão)

BETO - (encabulado) Tá legal...Tenho 95.000,00.

VADO - (revoltado) Ela tem mais dinheiro que eu... Ladrona.

BETO - (começando a brigar) Tenho mais que você porquê não gasto dinheiro com bofe.

VADO - E eu gasto? Gasto?

SANDOVAL - (que já guardou os papéis na pasta) É só...desculpe ter tomado o tempo de vocês.

GIL - E as outras perguntas? Religião, estudo...e não sei mais o quê!

SANDOVAL - Isto...bem...não vai precisar...Boa-noite e felicidades.

GIL - (abre a porta) Boa-noite. (Sandoval sai, fecha a porta) Vocês soltaram tantas plumas que o homem manjou tudo.

BETO - Azar dele... e não vem com sermão... você também desmunhecou.

GIL - Eu???

VADO - Nós vamos levar o Cícero agora Gil?

GIL - Que horas são?

VADO - (olha relógio) 10:20 Hrs.

GIL - Hoje não dá mais...já é muito tarde.

BETO - (apavorado) E ele vai ficar aqui a noite toda?

GIL - Vai sim... já ficou durante o dia, pode ficar a noite também... amanhã a gente dá um jeito.

BETO - No meu quarto ele não vai ficar... podem tirá-lo de lá.

VADO - E colocar aonde?

BETO - Aqui na sala... ele tava aqui mesmo.

GIL - Nada disso... aqui ele não pode ficar... pode chegar alguém e nós vamos ter que sair correndo com ele de novo.

BETO - Não vem mais ninguém aqui hoje.

GIL - Não esqueça que Da. Santinha ficou de trazer um pouco de arroz-doce para nós.

BETO - Pois então, vamos colocá-lo no banheiro.

VADO - Lá não... banheiro é um lugar de muita intimidade... eu não me sinto bem em fazer minhas necessidades com alguém olhando... não consigo fazer nada... nem xixi.

BETO - Deixe de frescura... ele tá morto.

VADO - Muito pior... já pensou, você tomando banho e um morto te olhando? No banheiro ele não vai ficar... pronto.

GIL - Se vocês não conseguem chegar num acordo só tem um jeito... vamos jogar no palitinho quem perder fica com ele. (pega fósforos quebra um e coloca na mão fechada) Pronto, quem tirar o quebrado fica com ele.

VADO - (com medo) Tá bem... eu vou ser o primeiro... (tira um fósforo inteiro) Que sorte...comigo ele não vai ficar.

GIL - (estendendo a mão) Sua vez Beto.

BETO - (tira mão não mostra) Deixa eu ver o que ficou com você.

GIL - Tá desconfiando de quê? (mostra um fósforo inteiro} Você perdeu... ele vai ficar no seu quarto.

Crocodilo também chora

VADO - Maravilha... ele já está lá mesmo.

BETO - Gil eu já disse, tenho pavor... Não vou conseguir nem pregar o olho.

GIL - É só você esquecer que ele está morto... afinal, já dormiram tantas vezes juntos que uma a mais ou a menos não vai fazer a mínima diferença.

BETO - (tremendo) Pelo menos me ajudem a tirá-lo de cima da cama.

GIL - E colocar aonde?

BETO - Sei lá... em qualquer lugar... até no chão...menos em cima da cama.

GIL - Tá bem... Vado, venha também ajudar.

VADO - (resmungando) Que encheção de saco...

ENTRAM NO QUARTO DE BETO... TELEFONE TOCA, GIL VOLTA PARA ATENDER.

GIL - (telefone) Alô... é, aqui é o Gil... mas quem está falando? Quem?...chantagista? (começa a se assustar, olha para o quarto para ver se ninguém está ouvindo, fala mais baixo) Quem é o senhor? E o que quer comigo?... (vai ficando apavorado) Mas o senhor não pode me chamar de assa... (olha para quarto) não tem provas do que está dizendo... (humilde) não, o senhor está enganado, não foi isto que aconteceu... foi um acidente...(assustadíssimo) não foi isso, já disse...o quê? vir aqui? ...não amanhã eu não posso, tenho que trabalhar... não, eu não posso faltar e nem chegar atrasado...(escuta, treme) está bem... eu esperarei o senhor,.. sim, às 9 horas... estarei aqui... tá... tá... (branco) boa-noite para o senhor também.(desliga o telefone, está transtornado, imóvel)

VADO - (saindo do quarto de Beto) Quem era?

GIL - (leva um susto) Hein? ah, sim...é...não era ninguém...foi... foi um trote...(passa como um autômato por Vado e entra em seu quarto)

VADO - (olhando) Eu hein. . . parece que viu assombração... (entra no quarto)

FECHA LUZ - FIM DA 2a. CENA

Cena 3

MANHÃ SEGUINTE

AINDA EM Blackout OUVI-SE O GRITO DE VADO DENTRO DO BANHEIRO.

VADO - (off) Aiii. (abre luz)

GIL - (saindo do seu quarto, porta do banheiro) O que foi Vado?

VADO - (saindo de dentro do banheiro, está de pijama) Ele está lá dentro Gil.

GIL - Ele quem?

VADO - O Cícero... Beto o levou para o banheiro.

GIL - (chamando) Beto...Beto.

BETO - (cínico, saindo do quarto, já vestido para sair) O que foi?

GIL - O que Cícero está fazendo dentro do banheiro?

BETO - (inocente) E eu é que sei?

GIL - Porquê você o levou para lá? Ele não ia ficar no seu quarto?

BETO - Cansei de dizer que tenho pavor de defunto... se ele passasse a noite lá, eu teria morrido também.

VADO - Quase morri de susto quando o encontrei sentado no vaso.

GIL - Sentado no vaso?

VADO - É... ele tá lá... vestido de Dama das Camélias e sentadinho no vaso... (para Beto) Faça o favor de tirá-lo de lá, eu preciso entrar... estou apertado.

BETO - Eu não vou tirar ninguém... Desde que tá, deixa ficar.

VADO - (nervoso) Por sua causa vou ser obrigado a fazer minhas necessidades no salão.

BETO - Grande coisa...

CAMPAINHA DA PORTA- SUSTO DOS TRÊS GIL OLHA PELO OLHO MÁGICO.

GIL - É a Da. Santinha.

VADO - Ah! Meu Deus do céu... esta mulher enche. (entra quarto)

BETO - Pois eu gosto muito dela... (vai até a porta, abre)

SANTINHA - (entra trazendo um pirex) Aqui está o arroz-doce que prometi... não deu para trazer ontem.

BETO - (cheirando) Hum...está com um cheiro delicioso... Depois eu quero a receita.

SANTINHA - Claro... a hora que quiser. (olhando em volta) E a roupa suja?

GIL - Que roupa suja ?

SANTINHA - A que estava aqui, ontem.

GIL - Ah! Nós já mandamos para a lavanderia.

VADO - (sai do quarto, se arrumando) Bom-dia Da. Santinha...(para Gil) Estou pronto Gil, você não vai se trocar? Vai chegar atrasado.

Crocodilo também chora

GIL - (encabulado) Eu vou me atrasar um pouco...tenho umas coisas para fazer na cidade...não vou poder lhe dar carona.

BETO - (para Da. Santinha) Desculpe Da. Santinha mas eu também preciso ir... o turco tá me pegando no pé... (ri) depois preciso lhe contar umas fofocas lá da loja... (para Vado) Espere um pouco Vado, vou descer com você... (entra no quarto, volta com bolsa)

VADO - (para Gil) Você vai jantar na Da. Maria?

GIL - Vou...a gente se vê lá... e não atrasem, pois hoje temos que resolver "aquilo" de qualquer maneira.

SANTINHA - Aquilo, o quê?

GIL - É...uns problemas... coisas sem importância...

BETO - (beija Da. Santinha) Até logo Da. Santinha e obrigado pelo doce depois eu devolvo o pirex.

SANTINHA - Não tem pressa... bom trabalho.

VADO - Até a noite Gil... (beija Santinha) Tchau... (saem)

GIL ESTÁ UM POUCO IMPACIENTE.

SANTINHA - Olha Gil, se você tiver alguma coisa para fazer, não se prenda por minha causa... (senta sofá)

GIL - (olha relógio) 8.40 Hrs...eu vou ter que sair.

SANTINHA - Vocês estão sempre correndo...sabe Gil a melhor hora do meu dia é quando venho aqui bater papo com vocês... desde que meu falecido morreu vivo muito sozinha...não tenho uma amiga aqui no prédio... você compreende, não é?

GIL - (chateado) É...eu compreendo sim.

SANTINHA - Já lhe falei que o Beto é a cara do falecido?

GIL - (assustado) De quem?

SANTINHA - Do meu falecido... que Deus o tenha em sua glória... ele tinha o mesmo jeitinho do Beto... fino, delicado...

GIL - Já vi tudo.

SANTINHA - Viu o quê?

GIL - Nada...só estava pensando no falecido...o da senhora, claro.

SANTINHA - (entusiasmando) Já lhe contei como ele morreu?

GIL - (chateado) Não... não me lembro.

SANTINHA - (meiga) Você se importaria em ouvir? Sabe, quando conto me sinto mais aliviada... me faz bem.

GIL - (derrotado) (olha relógio) Está bem... conte.

SANTINHA - Já tem mais de 5 anos mas eu lembro como se fosse hoje... a tarde o meu falecido me disse: Sabe Santa, o ano que vem já vai dar prá gente fazer uma casinha, aí não vamos mais pagar aluguel... ele estava muito alegre, lembro que pegou um jornal e começou a ler... de repente foi ficando nervoso e - danou a xingar todo mundo; que o governo era isso, que o governo era aquilo... aí eu perguntei porquê ele fava daquele jeito e ele me disse que o

jornal tava metendo o pau no corinthians... ele era corintiano até a morte... aí eu falei prá ele deixar disso, que tinha coisas mais importantes que futebol... não adiantou nada, ele parecia uma fera... começou a esmurrar as paredes, estava endemoniado.

GIL - (já bastante impaciente, cortando Santinha) Aí ele teve um ataque de coração e morreu, não foi assim?

SANTINHA - Não...não foi assim não...depois disso que contei ele melhorou... ficou calmo de novo... nós jantamos e... eu tinha feito purê de batata... ele adorava purê... Depois da janta foi ver televisão... adorava novela, eu fui lavar a louça...quando sai da cozinha olhei para ele e percebi que estava branco, pálido, sabe.

GIL - (cortando, impaciente) Estava morto... morreu vendo a novela.

SANTINHA - Quê isso...vira esta boca prá lá...ele tinha digestão difícil e sempre ficava pálido depois de comer...eu dei um sorrisal e ele melhorou... aí, acabou de ver a novela e entrou no banheiro para fazer a barba, eu ainda avisei que faz mal olhar para o espelho com o estômago cheio, mas ele era cabeça dura, não adiantava nada avisar... foi fazer a barba assim mesmo.

GIL - (já apavorado, olhando o relógio) Então ele morreu fazendo a barba? Que horror.

SANTINHA - Nada disso... ele acabou de fazer a barba normalmente... depois trocou de roupa e disse que ia até o bar do Guiba bater um papo com os amigos.

GIL - (nervosíssimo) E lá, ele morreu?

SANTINHA - Quê isso Gil, parece até que você tá querendo matar o meu falecido... ele bateu o papo com os amigos e voltou para casa, aí, foi deitar.

GIL - (explodindo de nervo) Morreu dormindo.

SANTINHA - (calma) Não... no dia seguinte acordou, bem disposto e...

GIL - (não suportando mais) Da. Santinha, quantos dias ainda faltam para o seu falecido morrer?

SANTINHA - Ele morreu dois dias depois do que estou contando.. .sabe eu gosto de contar com todos os detalhes.

GIL - (quase puxando Santinha do sofá) A senhora vai me desculpar mas deixe o segundo capítulo para amanhã... tá bem?

SANTINHA - (inocente e magoada) Você não quer ouvir?

GIL - Não é isto Da. Santinha... é que eu ainda tenho que tomar banho... já estou muito atrasado.

SANTINHA - Que pena... eu nunca consigo contar a história do meu falecido até o fim.

GIL - (empurrando Da. Santinha) Prometo que amanhã ouvirei a história inteirinha... pode até repetir o que já contou.

SANTINHA - Bem... se você tem mesmo que sair... (sai, Gil fecha a porta, olha relógio)

GIL - 9.10... ele já está atrasado... (entra banheiro, sai rápido) Eu também não consigo fazer xixi com o Cícero lá dentro. (entra quarto)

CAMPAINHA DA PORTA

GIL - (sai do quarto, olha pelo olho mágico) (não reconhece, abre um pouco a porta)

Crocodilo também chora

Bom-dia.

SANDOVAL - (só aparecendo o rosto) Bom-dia senhor Gil... ou melhor Gilberto da Silva Passos.

GIL - Quem é o senhor? Como sabe o meu nome?

SANDOVAL - (destemido, empurra a porta e entra) Nós temos um encontro lembra?

SANDOVAL, NESTA CENA É UM PERFEITO EXECUTIVO, TERNO, GRAVATA, PASTA 007, MUITO ELEGANTE, SEM ÓCULOS, POSUDO.

GIL - (reparando) Mas, espere aí... o senhor não esteve aqui ontem? Não disse que era do "censo"?

SANDOVAL - (imitando o Sandoval de antes, tirando óculos e colocando) Sou eu mesmo...(guarda óculos) Só que hoje estou com o meu verdadeiro uniforme de trabalho.

GIL - (não entendendo) Mas, afinal, quem é o senhor?

SANDOVAL - (tira um cartão do bolso e entrega a Gil, durante toda a cena ele age com muita elegância e distinção) Sandoval Macedo Netto... um seu criado.

GIL - (lendo o cartão) (assustado) Aqui diz que o senhor é chantagista e corruptor profissional.

SANDOVAL - (orgulhoso) Exatamente... e tenha certeza que não será fácil encontrar outro chantagista ou corruptor com as minhas qualidades... com o meu talento e capacidade... Posso dizer, sem falsa modéstia que estou entre os dez mais do país.

GIL - (totalmente apatetado) Mas, ontem o senhor disse que trabalhava para o governo e...

SANDOVAL - E não menti... por várias vezes autoridades governmentais necessitaram dos meus préstimos profissionais e sempre desempenhei com total êxito o que me foi confiado ... já trabalhei para governadores... senadores... prefeitos... e outros biônicos...

GIL - E o que eu tenho com isso?

SANDOVAL - Muito mais do que pensa... meu amigo... mas ontem estive aqui em missão particular.

GIL - Missão particular?

SANDOVAL - Exato...me apresentar como funcionário do I.B.G.E foi a melhor maneira que encontrei para descobrir algumas coisas sobre o senhor... principalmente de ordem financeira.

GIL - (perplexo) O senhor inventou tudo aquilo só para saber o quanto eu ganho?

SANDOVAL - E também qual o valor exato de suas economias... não se esqueça, eu sou um chantagista, portanto devo saber quanto o meu cliente possui. (rindo) Prá não dar com os burros n'água... desculpe a brincadeira... (tira a ficha que preencheu na noite Anterior de dentro da pasta) Por falar nisso senhor tem 120.000,00 no banco.

GIL - É tudo o que possuo.

SANDOVAL - Melhor dizendo...é tudo o que o senhor possuía, pois, a partir deste momento esta ...miserável quantia...passará para as minhas mãos.

GIL - O senhor não pode me obrigar a lhe dar este dinheiro.

SANDOVAL - Como não? Posso sim... afinal, este é o meu salário... o pagamento pelo meu trabalho.

GIL - (não entendendo) De que trabalho o senhor está falando ?

SANDOVAL - (chateado) Este é o espinho de minha profissão...ninguém dá valor, nem reconhece... nem regulamentada foi ainda... o senhor acha que é fácil ser chantagista? Ser cúmplice de um crime?

GIL - Cúmplice?

SANDOVAL - Claro...eu sou seu cúmplice...e a partir de hoje o senhor ficará mais aliviado, não terá tantos problemas de consciência e repartirá comigo o remorso que, por acaso, vier a sentir.... estou aqui como amigo e com toda solidariedade pronto a assumir uma parte do crime que o senhor cometeu.

GIL - E se eu não aceitar nada disso?

SANDOVAL - AÍ serei obrigado, contra os meus princípios, entenda bem, a telefonar para a polícia, onde por sinal sou muito respeitado, e dizer que fui testemunha ocular de um crime horrendo... bárbaro.

GIL - Ocular? Mas o que o senhor viu?

SANDOVAL - Tudo meu caro... eu vi tudo.. .eu sou um profissional honesto e não estaria aqui cumprindo minha missão se não tivesse visto o senhor matar aquele pobre e indefeso rapaz.

GIL - (quase sem querer) Como o senhor viu? Nós estávamos sozinhos.

SANDOVAL - (vai até frente do palco, como se estivesse na janela da quarta parede e olha um ponto em frente) Venha até aqui, por favor... (Gil se aproxima) Está vendo aquela janela? (aponta) Aquela de cortina azul.

GIL - Estou, e daí?

SANDOVAL - Pois bem...lá é o meu escritório.

GIL - Escritório?

SANDOVAL - Perfeitamente, por enquanto trabalho sozinho mas estou pensando em criar um quadro de funcionários e abrir algumas filiais... que, logicamente, também serão em prédios grandes como este.

GIL - E o que o senhor faz lá?

SANDOVAL - Um trabalho árduo e cansativo... o senhor pode imaginar o que é ficar horas a fio... muitas vezes uma noite inteira olhando por um binóculo?

GIL - Binóculo? Então o senhor fica vigiando o que acontece nos outros apartamentos?

SANDOVAL - Sim...no verão é mais fácil pois as pessoas costumam deixar a janela aberta... e é sempre a noite que acontecem as coisas mais interessantes... (irônico) como o que aconteceu aqui, nesta sala... anteontem.

GIL - Isto quer dizer que o senhor estava nos vigiando?

SANDOVAL - Não só vocês...todos os moradores deste prédio que pudessem ser observados pelo meu instrumento de trabalho... o binóculo.

GIL - Mas, para quê?

SANDOVAL - Elementar... quando vejo acontecer alguma coisa de "diferente" entro em ação... infelizmente, nem sempre tenho a sorte de ver um crime... na maioria das vezes só

Crocodilo também chora

testemunho adultérios... neste prédio já consegui 8 clientes femininos, 5 masculinos e 7 sem sexo determinado.

GIL - Bichas?

SANDOVAL - Por favor, eu não gosto de palavras de baixo-calão, nem de gírias... prefiro considerar que são pessoas que se sentem atraídas pelo mesmo sexo.

GIL - Mas isto não é crime... o senhor não pode fazer chantagem em cima disso.

SANDOVAL - Aí é que o senhor se engana; quando os envolvidos não são casados e nem de menor-idade realmente fica mais difícil a chantagem, mas, quando são pessoas já envolvidas nas sagradas leis do matrimônio fica tudo mais simples e fácil. O senhor acha que alguma mulher aceita tranqüilamente as brincadeiras do seu distinto e viril marido com rapazinhos? E os maridos, o senhor acredita que eles estão civilizados o bastante para não incomodarem com os carinhos íntimos de suas esposas com as respectivas amigas? Com a minha cumplicidade e silêncio, não revelando aos cônjuges o que presenciei estou trabalhando para a harmonia, a paz, a tradição, a prosperidade e propriedade das famílias.

GIL - Aqui, neste prédio, tem tudo isto?

SANDOVAL - Aqui e em qualquer outro...mas, infelizmente, crimes que é a minha especialidade, eu só vi três este ano... contando com o seu.

GIL - Eu não matei o Cícero... foi um acidente.

SANDOVAL - Todos dizem a mesma coisa.

GIL - Mas eu juro que foi acidente... ele estava caído aqui, bêbado, com a pressão a zero... eu tentei ajudá-lo... apliquei uma injeção e...

SANDOVAL - (cortando) Tóxico...como vulgarmente se diz...uma picada, ele não agüentou e morreu.

GIL - Não senhor...era uma injeção para fígado...Necroton.

SANDOVAL - Mas isto não mata...e sabemos que ele morreu.

GIL - Esta foi a razão do acidente...eu estava sonado... peguei a ampola errada... apliquei nele uma injeção de novalgina e ele, que já estava com a pressão baixa não agüentou... só percebi o erro quando olhei para o rosto dele, foi ficando branco... o corpo gelado...

SANDOVAL - O senhor então, ao invés de telefonar pedindo uma ambulância preferiu se esconder.

GIL - Fiquei com medo... ele era caso... quero dizer ele era...

SANDOVAL - Não precisa procurar palavras, lembre que eu sei de tudo, ele mantinha relações homossexuais com seu irmão... aliás antes do seu irmão ele mantinha relações com o senhor.

GIL - (escandalizado) Até isto o senhor sabe?

SANDOVAL - Há meses eu participo, indiretamente, da vida dos senhores... E por falar nisso o seu outro irmão também tinha uma queda pelo jovem... assassinado.

GIL - Bem que o Beto estava desconfiado.

SANDOVAL - Mas isto não vem ao caso... o senhor estava procurando se justificar por não ter prestado socorros imediatos a vítima...

GIL - Bem... eu fiquei com medo de telefonar para um hospital... sou enfermeiro...sei como são estas coisas... e depois, o Beto nunca iria acreditar no que aconteceu... ele é muito ciumento.

SANDOVAL - O senhor preferiu ir para o seu quarto... preferiu dormir, sonhar com os anjos... como uma pobre e pura alma inocente.

GIL - Eu sou inocente... foi um acidente, já disse.

SANDOVAL - Eu, até que posso acreditar, mas os meus amigos da 5a. não vão aceitar esta versão dos fatos.

GIL - E o que eu posso fazer?

SANDOVAL - Aceite os meus préstimos profissionais e prometo que não será mais importunado...E saiba que está fazendo um excelente negócio...normalmente cobro muito mais...mas, como simpatizei com o senhor ofereço minha cumplicidade e o meu silêncio pela irrisória quantia de 120.000,00... e tenha certeza de minha absoluta discrição, nem os outros moradores do prédio ficarão sabendo o que aconteceu nesta sala.

GIL - E meus irmãos?

SANDOVAL - Sigilo absoluto, confie em mim... eu gostaria que o senhor resolvesse logo, ainda tenho vários compromissos para hoje.

GIL - Mais chantagem?

SANDOVAL - Coisa pequena... É uma jovem recém-casada do 2º. andar que aproveitou a ausência do marido para "brincar" com o funcionário da "Telesp" que foi instalar o telefone no seu apartamento.. .Telefonei para ela ontem mesmo e depois estive lá a noite, como funcionário do I.B.G.E. (agora, já com conhecimento das posses do casal vou completar minha missão... preciso ir logo, antes que seu marido chegue para almoçar... e então, o que o senhor resolveu?

GIL - Não posso pagar só 50.000,00?

SANDOVAL - Desculpe-me mas tudo ou nada...para falar a verdade eu não gosto de discutir preço.

GIL - (arrasado) O senhor aceita cheque?

SANDOVAL - Aceito... só que, se não tiver fundos eu volto.

GIL - Fique tranquilo, tem fundo sim... só que o dinheiro está na caderneta de poupança.

SANDOVAL - Se é assim, o cheque não tem fundos.

GIL - Eu prometo ao senhor que vou agora ao banco e transfiro o dinheiro da poupança para a conta corrente, quando levar o cheque o dinheiro já estará depositado.

SANDOVAL - (pensa) Está bem, darei um prazo ao senhor... só irei ao banco na parte da tarde... onde está o cheque?

GIL - Um minuto só, por favor...(entra no quarto e volta com um talão de cheque, vai preencher) Nominal ou portador?

SANDOVAL - Ao portador...fica mais fácil.

GIL - (preenche o cheque) Aqui está.

SANDOVAL - (confere) Está certo... foi um prazer negociar com o

Crocodilo também chora

senhor...felicidades...(cumprimenta) quando precisar, estarei ás ordens e um ótimo dia (aponta o banheiro, ri) ele ficou muito interessante vestido com aquela roupa, irmã Lurdinha, não? Uma simpatia... com licença, (sai)

GIL - (fecha a porta, não sabe o que fazer, prepara um drinque, vai até a janela, olha para frente, senta no sofá, bebe)

FECHA LUZ - FIM DO 1o. ATO

Crocodilo também chora

Ato 2

CENA 4

NOITE DO MESMO DIA-

SALA EM PENUMBRA - SANDOVAL ESTA CAÍDO NUM CANTO, MORTO, ESTÁ COM A MESMA ROUPA DA ÚLTIMA CENA SÓ QUE SEM CALÇAS, A MESMA ESTA JOGADA NUM CANTO, SUA PASTA SUMIU... O CORPO ESTÁ DE DIFÍCIL VISÃO PARA QUEM ENTRA.

(ENTRAM BETO, GIL E VADO, VINDOS DA RUA, BETO ENTRA EM SEU QUARTO)

VADO - (para Gil se encaminhando para o banheiro) Vamos comigo ao banheiro, Gil.

GIL - Prá quê? Você vai me caçar?

VADO - Eu to apertado prá fazer xixi e com o Cícero sentado no vaso, eu não vou conseguir... me ajude a tirá-lo de lá.

GIL - Tá bem, eu ajudo. (entram no banheiro)

BETO SAI DO QUARTO E ACENDE A LUZ DA SALA, SE ENCAMINHA PARA A RADIOLA, VAI COLOCAR UM DISCO QUANDO VÊ O CORPO DE SANDOVAL)

BETO - Aiiii...(grita)

GIL E VADO - (dentro do banheiro) Aiiii... (saem afobados)

GIL - (para Beto) Porquê você gritou?

BETO -(tremendo aponta corpo de Sandoval) Lá...olhem...

VADO - (vendo Sandoval) Aiiii.

GIL - Aiiii...(chegando perto) Quem é?

BETO - (olhando de longe) Sei lá... um ilustre desconhecido.

VADO - Então porquê o matou?

BETO - Vai começar bicha... eu não matei ninguém... só achei o corpo.

GIL - Este apartamento está parecendo o "Instituto de Medicina Legal" tem morto prá todo lado.

BETO - E o pior é que todos morrem pelados... olhe, ele está sem calças.

VADO - Mas está mais composto que o Cícero... está de paletó e gravata e não de camisola... (Vado se aproxima do corpo) (treme) Parece que eu conheço este homem.

GIL - (que já reconheceu, despistando) É...ele não me é desconhecido.

VADO - (lembrando) É o homem do "Censo"... o que veio aqui ontem.

BETO - (se aproxima, tremendo) É ele mesmo... só que estava com outra roupa e usava óculos.

VADO - Mas, o que ele está fazendo aqui? E porquê está morto?

BETO - Eu não sei... respondi tudo certinho, não tinha razão para matá-lo.

VADO - (ferino) Eu também respondi tudo certinho.

GIL - A verdade é que alguém esteve aqui a tarde, abriu a porta para ele e o matou... quem foi ?

BETO - Eu não fui...sai de manhã com o Vado e só estou voltando agora.

VADO - Eu não saí do salão o dia inteiro... tenho testemunhas...

BETO - (para Gil) Quem ficou aqui depois que eu e o Vado saímos foi você Gil...portanto...

GIL - Não vem não... fiquei só uns minutinhos conversando com Da. Santinha e desci logo depois de vocês... podem perguntar para ela.

BETO - (desconfiado) E vou perguntar mesmo.

VADO - (vê a calça de Sandoval num canto vai até ela e remexe nos bolsos)

GIL - (olhando para Vado) O que é isto.

VADO - (um pouco encabulado) Acho que é a calça dele, estava jogada aqui.

BETO - E o que você está procurando ?

VADO - (inocente) Nada...seus documentos...só isto.

GIL - (toma a calça das mãos de Vado) Deixe que eu vejo... (procura, não acha nada) Não tem nada aqui dentro.

VADO - (procura no paletó que Sandoval usa) Nem aqui...

GIL - (assustado, de repente olha para a janela em frente, chega a boca de cena)

BETO - O que você está olhando Gil?

GIL - (despistando) Nada não...por um momento achei que tinha alguém nos vigiando daquela janela. (mostra janela)

VADO - (um pouco assustado) E não tem?

GIL - Eu acho que não...mas vamos fechar esta janela.

BETO - Não Gil... tá muito quente... eu não aguento ficar aqui dentro com a janela fechada.

GIL - (pensa, olha para Sandoval) Mas então, vamos tirá-lo daqui... (nervoso) com esta mania de deixar a janela aberta todo mundo aí da frente já está sabendo de tudo o que acontece aqui.

BETO - Como você sabe disso?

GIL - Eu não sei de nada...não tenho certeza...mas é claro, eles olham para cá e vêem tudo.

VADO - (assustado) Para onde vamos levá-lo?

GIL - Pro banheiro, ele vai fazer companhia pro Cícero... e vamos logo... Vado segure nos pés dele, eu pego nos braços e você Beto abra a porta e traga a calça dele)

BETO PEGA A CALÇA E ABRE PORTA DO BANHEIRO, VADO E GIL CARREGAM SANDOVAL.

VADO - (entrando com o corpo no banheiro) Cuidado com ele Gil, vai bater com a cabeça.

GIL - O que tem... ele tá morto mesmo... (entram no banheiro)

VADO - (off) Não cabe mais ninguém aqui dentro.

GIL - Coloque ele em cima do Cícero.

Crocodilo também chora

BETO - (que ficou na porta) Em cima não, Cícero não deixava...só frentinha.

GIL - (off) Cuidado Vado... você deixou o braço dele dentro do vaso.

SAEM VADO E GIL DE DENTRO DO BANHEIRO

VADO - Agora já são dois para jogar da Serra do Mar.

BETO - Mas quem matou ele? Quem?... (senta sofá)

GIL - Isto é o que eu gostaria de saber. (senta)

VADO - Tem que ser um de nós três. (senta)

UM OLHA PARA O OUTRO, SUSPEITANDO... GIL LEVANTA, ANDA NERVOSO DE UM LADO PARA O OUTRO, OLHA PARA OS DOIS...

GIL - E então, ninguém vai confessar?

VADO - Eu não fui, juro pela alma de mamãe.

BETO - Nem eu...prá quê eu ia matá-lo?

GIL - (resoluto) É assim, não é? Então só tem um jeito...vou telefonar para a polícia.

VADO - (assustadíssimo) Polícia?

BETO - (apavorado) Ai, minha Santa Gertrudes.

GIL - (vai até o telefone) É a última oportunidade, quem matou, vai confessar ou não?

VADO - Confesse logo Beto... é melhor assim... a gente leva eles prá Serra do Mar e ninguém vai ficar sabendo...

BETO - (nervoso) Confessar o quê? Não fui eu, já disse...foi você, eu tenho certeza.

GIL - É, não adianta mesmo... o criminoso prefere apodrecer numa cadeia, pois que seja feita a sua vontade... (finge que disca, pavor de Beto e Vado) Alô... é da 5ª.? Eu quero falar com o delegado de plantão... e sobre um crime horrível... um não, dois crimes.

BETO - (dá um grito, vai até o telefone e desliga) Não...eu confesso, fui eu.

GIL - Você? E porquê o matou? Nem o conhecia direito.

VADO - Era caça sua?

BETO - Não, esperem...eu matei o Cícero...(sem querer) o chantagista não.

GIL - (assustado) Como você sabe que ele era chantagista?

BETO - Ele telefonou para mim e depois foi a loja, me obrigou a entregar todo o dinheiro que tinha economizado. (tira um cartão do bolso) Olhe, ele até me deu este cartão (lê) Sandoval Macedo... chantagista e corruptor profissional.

GIL - Mas, porquê ele fez chantagem com você ?

BETO - (choramingando) Porquê ele me viu matar o Cícero... viu de uma janela deste prédio aí em frente.

VADO - (que ouviu tudo, emocionado) Desculpe Beto mas eu não posso aceitar isso... não posso deixar que você assuma um crime que eu cometi. (susto dos outros) (choramingando) Nunca pensei que você fosse tão bom, tão nobre... (para Gil) Ele está mentindo Gil, mentindo para me salvar.

GIL - (não entendendo) Mas o que está acontecendo?

VADO - Eu matei o Cícero e o Sandoval viu tudo, esteve no salão hoje e fez chantagem comigo, fui obrigado a lhe dar todas minhas economias... (tira cartão do bolso) Aqui está o cartão dele.

GIL - E depois que ele fez a chantagem, você o trouxe para cá e o matou, foi assim, não é?

VADO - (choramingando) Não... eu sou assassino de um crime só... o chantagista não fui eu quem matou.

GIL - (explode) Chega... eu não sei porquê vocês dois estão confessando a morte do Cícero... quem matou o Cícero fui eu... eu... e ontem a noite o chantagista telefonou para mim e me disse para esperá-lo aqui hoje de manhã... por isso não saí com vocês, ele veio, disse que era chantagista profissional, me contou como viu o crime e me obrigou a lhe dar todo dinheiro que tinha no banco, senão telefonaria para a polícia... (tira um cartão do bolso) aqui está o cartão dele.

VADO - Então foi você quem o matou?

GIL - O Cícero foi, confesso.

BETO - O Cícero não, o Sandoval.

GIL - Não, ele não...dei um cheque para ele e depois fui trabalhar.

VADO - Então quem foi? Eu matei o Cícero.

BETO - O Cícero quem matou fui eu... que coisa.

GIL - Pelo que vejo nós três matamos o Cícero e ninguém matou o Sandoval... mas ele está aí, mortinho... e só pode ser um de nós três... (pensa, olha para Vado e Beto) E eu já sei porquê o assassino não quer confessar.

VADO - Porquê ?

GIL - Muito simples... nós três demos dinheiro para ele e este dinheiro, ou cheque, não está em seu poder, portanto ele foi roubado, por isso o assassino não confessa.

VADO - (para Beto) Me devolva meu dinheiro Beto...Tenha dó de mim.

BETO - Não fui eu, já disse... eu não roubei nem matei ninguém... aliás, matei sim... o Cícero eu matei, mas foi só ele.

VADO - Não minta... (para Gil) Juro que fui eu quem matou o Cícero... ele tomou "Diabo Verde".

GIL - Tomou o quê ?

VADO - "Diabo Verde", aquilo que desentope pia.

GIL - Mas como aconteceu isto?

VADO - Nós dois tínhamos bebido, aí ele começou a passar mal, eu fui a cozinha preparar um copo de água com sal de fruta para ele mas errei e dei para ele beber um copo de água com "Diabo Verde".

BETO - Eu não acredito em nada disso.

VADO - É verdade sim... e ele bebeu porquê estava puto da vida com você, até disse que ia te meter a mão.

GIL - Mas, que horas aconteceu tudo isto?

VADO - Eu vou contar tudo direitinho... Eram 10 horas, eu estava sozinho, nem você nem
Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Crocodilo também chora

Beto tinham chegado... estava triste, por causa do Jairo escutava música de fossa e bebia... já tinha bebido bastante quando o Cícero chegou... (na medida que Cícero começa a contar a luz vai fechando até black-out)

CENA MEMÓRIA

O PRÓPRIO VADO PODE ACENDER A LUZ DE UM ABAJUR AZUL QUE ESTÁ NA SALA, ESTA É A ÚNICA LUZ QUE TERÁ NAS CENAS DE MEMÓRIA...

MÚSICA DE FOSSA NA RADIOLA, VADO ESTA SENTADO NO SOFÁ, BEBENDO, (se der tempo tirar a camisa e usar uma camiseta, por exemplo)

ABRE A PORTA E ENTRA CÍCERO, ESTÁ BASTANTE BÊBADO, GUARDA A CHAVE NO BOLSO.

CÍCERO - (vendo Vado) Olá boneca... o que tá fazendo aí sozinha ?

VADO - Oi Cícero, olhe o Beto ainda não chegou, não.

CÍCERO - (bem bêbado) Sorte dele... olhe aqui eu bebi prá cacete só prá ter coragem de vir aqui e dar umas porradas na cara daquele puto... quê que ele tá pensando? Hein?

VADO O que houve? Vocês brigaram?

CÍCERO - O que houve foi que ele deu o serviço lá na loja que trabalha, contou prá todo mundo... me dedou... (nervoso) puto...

VADO - Contou o quê?

CÍCERO - Que eu sou transa dele... sujou minha barra com a Lucinha, agora ela não quer mais nem olhar para mim. (prepara drinque, bebe)

VADO - Mas você não é caso dele?

CÍCERO - Sou não...eu era... mas isso não dá direito prá ele ir espalhando... porra, gozaram a minha cara hoje, lá na loja.

VADO - Você foi lá

CÍCERO - Fui, na hora do almoço... me chamaram até de gigolô... tiraram um puta sarro com a minha cara... Lucinha não quis nem olhar prá mim... se trancou no banheiro e ficou lá dentro até eu ir embora.

VADO - Pois eu acho que ele só estava defendendo o que era dele... se eu tivesse feito isto, o Marquito não teria me roubado o Jairo.

CÍCERO - Ah! Agora estou entendendo porquê está aqui sozinho... tá de fossa por causa do Jairo, não é? (prepara drinque, bebe)

VADO - (suspira triste) É sim... ele não quer mais nada comigo.

CÍCERO - (mais calmo, com pena) Olhe, manda o Jairo prá puta que o pariu, não fica triste não... se você topar a gente pode sair e tomar uma puta bebedeira... quer?

VADO - Mas você não vai esperar o Beto? Não vai brigar com ele?

CÍCERO - Isso pode ficar prá amanhã... então, vamos tomar um porre?

VADO - Não Cícero, você já bebeu demais... e eu também... Além disso, eu estou muito chateado, serei uma péssima companha.

CÍCERO - (se encostando em Vado) Pois então eu tenho outro plano.

VADO - (meio encabulado, gostando) Qual plano?

CÍCERO - (sem-vergonha) Vamos para o seu quarto... (encoxa) afogar as mágoas.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Crocodilo também chora

VADO - (esquivando) Não, o Beto pode chegar de repente e se ele o encontrar em meu quarto vai dar o maior escândalo.

CÍCERO - (que está preparando dois drinques) Já disse boneca, eu não tenho mais nada com ele, o nosso caso acabou hoje. (entrega copo para Vado, encosta) Então, vamos?

VADO - (histérico) Ai, Cícero... você me deixa todo arrepiado... (brincando) Sai prá lá...(empurra Cícero, este perde o equilíbrio e cai, vai tentar levantar não agüenta) O que você tem? Tá sentindo alguma coisa? (Cícero está sentado no chão, tonto)

CÍCERO - É porquê eu misturei, tava bebendo caipirinha antes. (sente vômito)

VADO - Tá com vontade de vomitar?

CÍCERO - Tô com o estômago embrulhando.

VADO - Vou buscar um pouco de sal de frutas pra você... (sai rápido, Cícero continua passando mal. Vado volta com um copo d'água, abre um móvel e sem olhar direito tira um frasco de dentro, com uma colher despeja um pouco no copo, mistura) Com isto você vai melhorar num instante... (leva o copo para Cícero) Bebe de uma vez, senão você não vai ter coragem.

CÍCERO - (leva o copo a boca, experimenta, cospe longe, tenta devolver o copo, não consegue falar)

VADO - (insiste) Não Cícero, você tem que beber... faz uma forcinha... (pega a cabeça de Cícero e o obriga a beber, ele bebe meio copo, depois dá um safanão e manda longe o copo) Eu acho que agora você vai melhorar...

CÍCERO - (arregala os olhos, está sentindo o estômago pegar fogo, tenta falar) Arghhh... arghhhh... (começa a pular, de repente fica duro num canto, a língua para fora da boca, sente falta de ar, cai duro)

VADO - (apavorado, vai socorrê-lo) Cícero... Cícero... (repara-) ai, minha Santa Maria Goretti ele tá espumando... e tá ficando verde... Será que é por causa do sal de frutas? (aterrorizado) Ou...(corre até o móvel, olha o frasco que pegou, fica gelado) "Diabo Verde"...dei remédio errado... (corre para Cícero) Cícero...Cícero...fala comigo...(Cícero não mexe) Tá saindo espuma até pelo ouvido... (limpa Cícero) Santa Benedita, ele tá morto... eu o matei...

A LUZ VAI FECHANDO ATÉ BLACK-OUT - QUANDO ACENDE LUZ GERAL

O CORPO DE CÍCERO SUMIU E VADO ESTÁ COM A CAMISA DE ANTES, CONVERSA COM GIL E BETO.

VADO - Foi isso que aconteceu, quando percebi que ele estava morto me mandei para a rua e só voltei às 4 horas da manhã e fui direto pró meu quarto, nem tive coragem de olhar para a sala... dormi logo e só acordei na manhã seguinte...

BETO - Então ele estava afim de transar com você, não é?

VADO - Ele falou que não queria mais nada com você.

BETO - É, mas agora ele não e meu nem seu... e nem do Gil... está morto.

VADO - (triste) É... eu o matei...

BETO - Não se preocupe com isto... ele tomou "Diabo Verde" mas não morreu... só fez com que ele vomitasse as tripas, mais nada.

GIL - Como você sabe disso?

BETO - Porquê foi aí que eu entrei na história: (começa a narrar) Naquele dia eu estava puto com ele, tinha ficado sabendo que tava afim da Lucinha, minha colega da loja, contei prá ela que nós éramos caso... depois fiquei sabendo que ele foi lá na hora do almoço e que a Lucinha já tinha contado prá todo mundo e que ele passou o maior vexame... quando sai da loja nem fui jantar na pensão, tava na maior fossa, entrei num barzinho e enchi a cara, cheguei aqui depois de meia-noite (pra Gil) nem você nem o Vado estavam... logo que entrei escutei um barulho que vinha do banheiro... alguém estava vomitando, fui até lá e...

LUZ VAI FECHANDO ATÉ BLACK-OUT, CÍCERO VOMITA NO BANHEIRO, BETO VAI ATÉ ABAJUR E ACENDE LUZ AZUL (só ela permanecerá) VADO E GIL FICAM NUM CANTO OBSERVANDO.

Crocodilo também chora

CENA MEMÓRIA BETO

BETO - (um pouco tonto, se encaminha para o "banheiro, abre e porta, olha para dentro e fala, da porta) Você? O que tá fazendo aqui? Que horas chegou?

CÍCERO - (convulsões)

BETO - O que você tem? Tá bêbado? Encheu a cara, é? (de repente Cícero o empurra e passa por ele, vai direto para a porta da rua Beto vai atrás e não deixa ele sair) Espere aí, a gente precisa ter uma conversa muito séria.

CÍCERO - (está bambo, camisa aberta, pálido) (tentando se livrar) Me deixe em paz cara...eu num tô legal... quero ir embora.

BETO - Tá bem, mas antes me diga só uma coisa, o que veio fazer aqui?

CÍCERO - Num enche porra...eu tô mal.

BETO - Tá mal porquê encheu a cara... com que você estava? Com a Lucinha? (segura Cícero)

CÍCERO - (tonto, bambo) Não enche meu saco... puta que pariu... (sente vômito, corre para o banheiro, Beto vai atrás)

BETO - (na porta do banheiro) Você está me enganando... me traindo com aquela piranha. Com quem você estava até agora, diga.

CÍCERO - (o empurra, passa por ele, ele vai atrás, não deixa Cícero sair) Eu tava com a Lucinha, tá bom? Tá satisfeito? Lucinha parô na minha... (tirando um papel do bolso) Sabe o que é isso? É um bilhete que ela mandou prá mim... um bilhete de amor, ela tá gamadona... parô na minha... meu negócio agora é com ela, não quero mais nada com você... sua bicha louca.

BETO - Aquela vaca me paga...ela me falou que ia afastar de perto de você... deixa eu ver este bilhete... (tenta pegar o papel)

CÍCERO - (foge) Não vai ver não...é bilhete de amor.

BETO - (vai atrás) Me dá este bilhete.

CÍCERO - (foge) Num dó, pronto.

BETO - (consegue agarrar Cícero e com violência toma o bilhete dele. Cícero perde o equilíbrio e cai, antes bate com a cabeça em algum móvel) (lê o bilhete) Mas, isto aqui é uma nota fiscal do Mappin...um par de sapatos... (ri) Bilhete de amor, hein? (olhando para Cícero caído) Ela não quer mais saber de você, pode desistir dela... (Cícero não tem nenhuma reação) (mais calmo) Olhe Cícero eu contei prá ela que a gente era caso porquê eu não quero te perder...(carinhoso) Foi por minha causa que você encheu a cara, foi? (acaricia Cícero) Responda, vai... (começa a se assustar) Cícero... fale alguma coisa...Cícero... (levanta a cabeça dele, olha bem) Ai, São Cosme e Damião ele bateu com a cabeça... parece que tá morto...(chama, sacudindo) Cícero...Cícero... morreu mesmo... eu o matei...

LUZ VAI INCHANDO ATÉ BLACK-OUT - QUANDO VOLTA LUZ GERAL O CORPO DE CÍCERO SUMIU, VADO E GIL NA POSIÇÃO ANTERIOR.

BETO - Eu fiquei apavorado, não sabia o que fazer... também fugi, fui para o "Homo-Sapiens" e só voltei às 3 horas da manhã, entrei em meu quarto e dormi logo, estava bêbado...acordei de manhã com uma puta ressaca e achando que tudo o que aconteceu foi só

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

um pesadelo... que eu não tinha matado ninguém.

VADO - Então não fui eu quem o matou, foi você mesmo,

BETO - (choramingando) Fui eu sim Vado.

GIL - O chantagista também?

BETO - O chantagista não, já disse... ele fez chantagem com todos nós mas a verdade é que só eu tinha que pagar... fui eu que ele viu matando Cícero.

GIL - Você está enganado Beto... o único que poderia ser chantageado seria eu... aquela noite não terminou exatamente como você contou... O Cícero não morreu em suas mãos Beto... eu estive com ele depois, e ele estava bem vivo... (para Vado) O "Diabo Verde" que você diz que ele tomou só lhe provocou vômitos e abaixou sua pressão... e o tombo que ele levou Beto fez com que ele desmaiasse, só...(começa a narrar) Eu cheguei aquela noite às 2 horas da manhã e quando abri a porta escutei uns gemidos que vinham daqui (mostra um canto da sala) vim ver quem era... eu também estava de fossa e tinha bebido naquela noite...

LUZ VAI FECHANDO ATÉ BLACK-OUT - CÍCERO ESTÁ CAÍDO ONDE GIL INDICOU, ESTE ACENDE LUZ DO ABAJUR.

GIL - (procurando) Quem é? Quem está aí

CÍCERO - (mexe, tenta levantar, não consegue, cai, geme)

GIL - (aproximando) Cícero... O que você tem? Tá doente? (sente cheiro) O que você bebeu? (pega pulso de Cícero) Seu pulso está fraco...(Cícero geme) (pega testa) e com a pressão a zero... (pensa) vou ver o que posso fazer... (corre até o quarto, trás uma pequena frásqueira, abre, procura, encontra uma seringa, pega uma ampola) (prepara a injeção) acho que esta injeção vai normalizar sua pressão (tenta aplicar no braço, Cícero mexe muito, não deixa) Desculpe Cícero mas vai embaixo mesmo... (vira Cícero de bruços, abaixa um pouco sua calça e aplica a injeção) Pronto, daqui a pouco você já vai se sentir melhor... (começa a guardar as coisas, Cícero, de repente, dá um arranco, levanta com muito custo, falta de ar, dá um rodopio e cai duro no chão) Cícero...Cícero... o que foi? o que tá sentindo? (observa, Cícero estrebucha) (apavorado) Parece que ele está morrendo...(toma pulso) o pulso parou de bater... será que...(procura a ampola que usou, olha) (assustado) (lê) Novalgina, não... (procura na frásqueira) Necroton, tá aqui... eu peguei a ampola errada... fiz a pressão dele cair mais ainda...

CÍCERO - (levanta debilmente a cabeça dá um suspiro e deixa tombar a cabeça)

GIL - (apavorado) Tá morrendo, quê que eu fiz?... e agora? (não sabe o que fazer, corre até a porta do quarto de Beto e depois de Vado, olha) não chegaram ainda... (olha corpo) foi um acidente... (pensa) mas ninguém vai acreditar... ele já foi meu caso... e não posso pedir socorro, eu bebi... (resolve, pega as coisas)

LUZ GERAL VOLTANDO, CORPO DE CÍCERO SUMIU, GIL CONVERSA COM BETO E VADO COMO NA ÚLTIMA CENA DA REALIDADE.

GIL - Foi exatamente isto o que aconteceu, quando percebi que ele estava morrendo fiquei apavorado, não sabia o que fazer, não conseguia nem pensar direito, estava tonto, eu tinha bebido e isto me incriminaria mais ainda... me fechei no quarto e dormi, acordei de manhã... o resto vocês já sabem...

VADO - Mas que confusão.

GIL - Pois é, mas a verdade é uma só, fui eu quem o matou.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Crocodilo também chora

VADO - Eu acho que nós três o matamos... se ele não tivesse bebido o que lhe dei a pressão não teria baixado e você não teria lhe aplicado injeção nenhuma...

BETO - E se eu não tivesse tomado o bilhete, ele não teria caído e desmaiado... o que deve ter piorado o estado dele.

VADO - Pois é...nós três somos culpados.

GIL - E sendo assim, o chantagista tinha razão.

BETO - É...ele viu tudo da janela, viu quando nós fugimos deixando. Cícero caído aqui na sala, sabia que cada um de nós se sentia responsável pela morte dele... portanto resolveu matar três coelhos de uma só cajadada.

GIL - Três criminosos de um só crime.

VADO - Olhem, eu me sinto aliviado por ter contado tudo para vocês, acho que não ia conseguir ficar calado mais tempo.

BETO - Eu também não agüentava mais.

GIL - Eu também não.

SILÊNCIO

GIL - Bem... agora que já começamos o jogo da verdade acho que o assassino do Sandoval pode se revelar... eu não fui, juro. (olha Be.)

BETO - Eu sei que vocês estão pensando que fui eu, mas estão enganados eu só matei... ou quase matei, o Cícero, o Sandoval não.

GIL - Vado se foi você, confesse logo.

VADO - Eu também não fui, juro pela mamãe.

BETO - Não põe a mamãe no meio desta pouca vergonha.

GIL - Eu só sei de uma coisa, tem que ser um de nós três e quem o matou roubou nosso dinheiro... e é bom que confesse... logo temos que dar sumiço nos corpos... Cícero já esta morto há dois dias, amanhã ninguém vai agüentar o cheiro...

BETO - Amanhã? Eu não passo mais uma noite com defunto aqui dentro.

GIL - Eu só ajudo a levar os corpos e jogar na Serra do Mar depois que ficar sabendo de tudo direitinho

VADO - (nervoso) Se é assim, eu também não arredo o pé daqui até ficar sabendo quem roubou o meu dinheiro e matou o... o defunto aí... (aponta banheiro) (silêncio, cada um suspeita do outro)

BETO - (ferino, para Gil) Você quer saber de tudo direitinho, não é?

GIL - Quero sim, porquê ?

BETO - Porquê você não conta tudo direitinho?

GIL - O que você quer dizer com isso?

BETO - Quero dizer que a morte do Cícero você não contou direitinho não... ainda tem uma coisa que eu não engoli...

GIL - Você está insinuando que eu menti?

BETO - Estou sim, e posso provar... você disse que deu uma injeção errada no Cícero e que

quando viu que ele estava morrendo foi para o quarto, não foi?

GIL - Foi isto mesmo.

BETO - E não fez mais nada com ele?

GIL - Não, preciso de dizer quantas vezes?

BETO - Eu gostaria que você me respondesse porque que, de manhã o Cícero estava caído aqui, nesta sala, nu...só com uma camisola em cima do corpo.

VADO - (alerta) É mesmo... o Beto tem razão... você mentiu Gil.

GIL - Eu não menti... contei a verdade e somente a verdade.

BETO - Você contou uma parte da história e omitiu a outra.

VADO - Qual outra? (interessadíssimo)

BETO - (para Gil) A parte em que obrigou Cícero a transar... mesmo o coitado estando daquele jeito...

GIL - (nervoso) Isto é uma calúnia... você não tem provas.

BETO - Só estou dizendo o que acho... (para Vado) Cícero deve ter morrido na cama dele. (aponta Gil) trepando, sem querer... aí, a nossa maninha aqui, o vestiu com aquela camisola, que já devia ter há muito tempo, e o arrastou aqui para a sala... esta é a parte da história que ele não contou.

VADO - Foi isso que aconteceu Gil?

GIL - (bravo) E vocês acham que se tivesse acontecido assim eu iria abrir a minha boca? Ia ficar calado deixando vocês continuarem pensando que são os únicos responsáveis pela morte dele.

VADO - É...isto é verdade.

BETO - Mas é verdade também que o Cícero estava pelado, só com aquela camisola... que sumiu, depois.

VADO - E a roupa dele não apareceu em lugar nenhum.

BETO - (aponta Gil) Eu sei o que aconteceu com a roupa... ele jogou pela janela.

GIL - Pois eu acho que quem sumiu com a roupa foi um de vocês... depois que fui dormir, a pessoa entrou aqui, tirou a roupa dele, colocou a camisola e voltou para o quarto... foi isso.

VADO - Mas porquê alguém ia fazer isso?

GIL - Não sei...só quem fez pode responder...e não fui eu...(nervoso) e tem mais uma coisa, enquanto não ficar sabendo quem é o culpado eu não ajudo a tirá-lo daqui... êle vai apodrecer no banheiro... (resolute entra em seu quarto)

VADO - (suspeitando, para Beto) Eu também não vou mover uma palha. (entra em seu quarto)

BETO - (fica sozinho, olha para porta do banheiro, treme, entra no quarto)

CAMPAINHA DA PORTA - OS TRÊS SAEM DOS QUARTOS, ASSUSTADOS...

GIL - Vai ver quem é , Vado.

VADO - (assustado) Eu não... tenho medo.

GIL - (nervoso) Ai, que gente imprestável. (vai até a porta e olha pelo olho mágico)

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Crocodilo também chora

VADO - (aproximando) Quem é?

GIL - Sei lá... nunca vi.

BETO - (tremendo) Será outro chantagista?

CAMPAINHA, PORTA

GIL - O jeito e ver o que ele quer. (abre um pouco a porta) O que o senhor deseja?

ENTREGADOR - (que pode ser Cícero ou Sandoval estende a mão com uma nota fiscal) Entrega.

GIL - (vendo a nota) É do Mappin... (repara) Santa Figueiredo... é prá Da. Santinha... (vai devolver a nota, Beto não deixa, toma)

BETO - Espere, deixe eu ver o que ela comprou... (lê, abismado) uma T.V. a cores...

VADO - (interessado, olhando) E olhe, pagou a vista... Cr 180,000,00

GIL - (tomando a nota fiscal deles) Nós não temos nada com isto (para entregador) Não é aqui não moço...é o 1º . apartamento aí do corredor.

ENTREGADOR - (estende braço e pega a nota) Obrigado.

BETO - Da. Santinha tá luxando hein... tá de T.V. a cores...

VADO - E pagou a vista.

BETO - Onde será que ela arrumou dinheiro? Vive chorando miséria.

GIL - Estas são as que mais tem...(entra quarto, Vado entra quarto, Beto está pensativo, de repente dá um grito)

BETO - Aiiiiii.

GIL - (aparecendo) O que foi?

VADO - Porquê você gritou?

BETO - (perplexo) A camisola...

GIL - O que tem a camisola?

BETO - É da Da. Santinha.

GIL - (perplexo) Tem certeza?

BETO - Tenho sim... eu sabia que já tinha visto aquela camisola mas não lembrava de onde... lembrei agora, semana passada, quando fui a casa de Da. Santinha ela estava com aquela camisola.

GIL - (tentando entender) Mas isto não faz sentido.

VADO - (pensando) (assustado) Será que ela comprou a televisão com o nosso dinheiro?

GIL - Como? Será que ela conhecia o Sandoval?

BETO - E foi ela quem vestiu a camisola no Cícero?

VADO - (suspeitando) Ai minha Sta. Terezinha do Menino Jesus... ela deve ser cúmplice do Sandoval.

GIL - (achando) É, isto mesmo... eles brigaram e ela o matou...

BETO - Mas ele apareceu morto aqui dentro... como pode?

GIL - Esta história está muito complicada... só temos uma maneira de descobrir se Da. Santinha tem alguma coisa a ver com tudo isto.

BETO - Como?

GIL - Eu tenho um plano... Beto, você que é o xodozinho dela vai lá e diga que nós precisamos muito bater um papo com ela.

BETO - Agora ela não vai querer vir... deve estar curtindo a televisão.

GIL - Diga que é só um minuto... vá logo, anda... (empurra Beto p/ fora)

VADO - E se a coitada não tiver nada com o peixe?

GIL - Eu bolei uma coisa... se ela for inocente não vai desconfiar de nada e no máximo vai achar que fizemos uma brincadeira de mau-gosto...só isto.

VADO - E o que vai fazer?

GIL - Vá ao quarto de Beto e traga o Baby-dool dele.

VADO - (estranhando) Baby-dool?

GIL - É, você não disse que ele tem um?

VADO - Tem sim... um de jersey vermelho, mas prá quê?

GIL - Eu explico depois, vá logo... ah, traga também papel dê embrulho.

VADO ENTRA QUARTO, GIL PEGA PAPEL E CANETA E ESCREVE ALGUMA COISA, VADO VOLTA COM BABY-DOOL.

GIL - Embrulhe ele.

VADO - Não tô entendendo nada. (ajuda Vado a embrulhar)

GIL - Você já vai entender. (pega o que escreveu e coloca na dobra do embrulho) Pronto...a ratoeira está pronta.

ENTRA BETO, FAZ SINAL QUE SANTINHA VEM ATRÁS... GIL ESCONDE EMBRULHO.

GIL - (falso, beijando Santinha) Olá Da. Santinha...como vai?

SANTINHA - (estranhando um pouco) Vou bem...o que vocês querem me falar?

VADO - Falar? Ah! Sim...é que bem... sabe Da. Santinha eu e o Gil...

GIL - (cortando) (muito calmo, ladino) Da, Santinha, a senhora leu o "Notícias Populares" de hoje?

SANTINHA - "Notícias Populares" (estranhando) Não, porquê?

GIL - É que tem uma história de uma velhinha que eu achei, poderia interessá-la...

SANTINHA -(mais calma) Ah! É? Quem é esta velhinha?

GIL - É uma velhinha muito simpática...assim como a senhora... só que cometeu um crime bárbaro... é uma assassina.

SANTINHA - (que estava calma, leva um susto, senta no sofá) O quê?

VADO - Coitada..... está mal... Beto, traga alguma coisa para ela beber...(Beto vai preparar um drinque)

GIL - (bem falso) Sabe Da. Santinha... a senhora deve estar com a pressão baixa... (Beto traz

Crocodilo também chora

o drinque Santinha bebe)

GIL - Como eu estava contando, a velhinha matou um chantagista.

SANTINHA - (engasga, cospe a bebida longe)

GIL - (tranquilo, maquiavélico, para Beto) Ela engasgou...bate nas costas que melhora. (Beto faz) Como estava contando Da. Santinha a velhinha assassina foi presa.

VADO - (que já entendeu) Foi torturada... puxaram o cabelo dela.

GIL - E arrancaram suas unhas com alicate...

BETO - Foi um horror o que fizeram com ela. (Beto a obriga a beber)

GIL - (aproximando o cigarro do rosto dela) Queimaram o rosto dela com um cigarro.

SANTINHA - (apavorada quer levantar, Gil não deixa)

VADO - Penduraram ela no pau de arara.

GIL - E deram choques no corpo todo... aí ela não agüentou e confessou tudo.

SANTINHA - (apavorada dá um arranco e vai até a porta, olha para eles com os olhos esbugalhados) (Gil não a deixa sair)

GIL - Espere um pouco Da. Santinha.... tem um presente para a senhora. (faz um sinal para Vado que busca o embrulho e entrega para Santinha, ela não sabe o que fazer)

SANTINHA - Bri...bri... brigado... (tenta sair, Gil não deixa)

GIL - A senhora não vai abrir? Faça questão que a senhora veja o que é, na nossa frente. (levando-a de volta ao sofá) Abra, vai.

VADO - Eu acho que a senhora vai ter uma surpresa... surpresa boa.

GIL - (ajudando Santinha a abrir o embrulho, levanta o baby-dool) Pronto.

BETO - (que não estava entendendo) O meu baby...

VADO - (tapa a boca de Beto) Guenta firme... (baixo)

SANTINHA - (não entendendo) Mas...o que é isto?

GIL - Um baby-dool, a senhora não gostou?(coloca o baby-dool em frente do corpo de Santinha) Olhe, fica ótimo para a senhora.

SANTINHA - (gostando) É. ..muito bonito... mas quem me deu?

GIL - (calmo, tranquilo, frio) É um presente do Cícero.

SANTINHA - (deixa o baby-dool cair no chão, senta no sofá) Quem?

VADO - (entrando no jogo) Cícero...ele acabou de sair daqui.

GIL - (pegando o papel) Da. Santinha tem um bilhete...leia.(entrega)

SANTINHA - (tenta ler o bilhete, não consegue, gagueja) (treme)

GIL - (pegando o bilhete) Deixe que eu leio para a senhora. (lê) Da. Santinha, este baby-dool é uma pequena lembrança que faço questão, aceite em retribuição ao favor que me fez emprestando sua camisola... pena que por tão pouco tempo...Eu e Sandoval iremos visitá-la a noite... beijos... Cícero. (para Santinha) O Cícero gosta muito da senhora, mas este Sandoval eu não conheço, quem é ele?

SANTINHA - (com terror no rosto) Eles...eles...eles estão mortos...

GIL - (suspira aliviado) Pronto...a ratoeira fechou...

SANTINHA - O que está dizendo? que ratoeira é esta?

GIL - A que prendeu a senhora... como sabia que Cícero e Sandoval estão mortos?

VADO - Foi a senhora quem matou o chantagista? (rápido)

BETO - E que vestiu o Cícero com aquela camisola? (rápido)

GIL - E que roubou o nosso dinheiro? (rápido)

VADO - Para comprar televisão a cores? (rápido)

BETO - (melodramático) Logo a senhora Da. Santinha... que eu gostava como se fosse minha mãe.

GIL - Quem poderia dizer que a senhora é uma assassina.

SANTINHA - (desesperada) Chega, eu não sou assassina...foi um acidente, eu juro.

VADO - Acidente?

SANTINHA - É... eu não queria matar ninguém, mas ele estava fazendo chantagem comigo... eu, logo eu, coitada de mim... vivo com o dinheiro da pensão do meu marido, que não dá nem para a comida...

GIL - E porquê ele estava fazendo chantagem com a senhora?

SANTINHA - (chorosa) Porquê ele me viu arrastar o corpo de Cícero para cá.

BETO - (choque) O quê?

VADO - (não acreditando) A senhora arrastou Cícero pra cá?

GIL - (pensando) Esperem, deixem ela contar... conte.

SANTINHA - (chorosa) Conto sim...conto tudo, tudinho... (narra) vocês sabem que todo dia eu assisto a missa das sete, não é? Pois bem, ante-ontem quando ia saindo de casa vi o Cícero no corredor, num estado de dar dó... parecia bêbado, a calça caindo, a camisa aberta, e não conseguia andar...(para Beto) imaginei que vocês tinham brigado e que você o havia expulsado, fiquei com dó dele... morri de dó... ele não conseguia falar nada... só gemia... eu o levei para casa e obriguei que tomasse um banho, sua camisa estava suja de vômito... enquanto ele estava no banheiro eu fiz um cházinho e coloquei 40 gotas de novalgina, para diminuir a dor que sentia... ele saiu do banheiro vestido com a minha camisola acho que não conseguiu usar sua calça... tava mole, coitado...muito mole... bambo... aí, eu o obriguei a tomar meu cházinho... ele tomou... mas logo depois... (choraminga) ele arregalou uns olhos deste tamanho, abriu a boca como se tivesse sentindo falta de ar e caiu prá frente estrebuchando como cachorro atropelado, depois foi ficando branco e duro... branco e duro...até ficar duro de tudo... tava morto...eu não sabia o que fazer... tentei vesti-lo mas não consegui, aí encontrei a chave daqui no bolso de sua calça... pensei... pensei e achei que ele deveria voltar para cá... o vim arrastando pelo corredor... e foi na hora que entrei aqui puxando o corpo, que o chantagista deve ter me visto da janela do escritório dêle... eu deixei o Cícero aqui, fechei a porta e fui prá minha missa.

VADO - E que hora a senhora pegou a camisola que estava com ele?

SANTINHA - A tarde... eu só tenho duas camisolas... além disso alguém poderia reconhecê-la... ela está sempre aí na janela, secando.

GIL - (feliz) Quer dizer que não fui eu quem matou o Cícero.

Crocodilo também chora

BETO - E o Sandoval, como a senhora o matou?

SANTINHA - Ontem ele apareceu lá em casa dizendo que era do "Censo" e me fez um monte de perguntas... quis saber quanto eu recebia de pensão do falecido e outras coisas... eu respondi tudo certinho pois pensava que ele era do governo.

VADO - Nós também pensamos.

SANTINHA - Pois então. Hoje a tarde ele voltou lá em casa... com outra roupa, mais chique, sem óculos...foi chegando e me dando um cartão (tira um cartão do bolso do avental, ela está sempre de avental) tá aqui, olha.

GIL - (olhando) É igual ao nosso... e depois?

SANTINHA - Ele me disse que era chantagista profissional e que tinha me visto arrastar um defunto aqui para dentro... e que só não chamaria a polícia se eu lhe desse 50.000,00.

BETO - A senhora pagou?

SANTINHA - Como meu filho? Com que roupa? Eu não tenho dinheiro nem para comida... quanto mais para dar prá chantagista.

GIL - E o que a senhora fez?

SANTINHA - Ele chegou e ficou lá me enchendo o saco... queria que eu pedisse a vocês o dinheiro emprestado... até chorei, mas não adiantou nada... ele tinha um coração de pedra... ficou sentado lá na cozinha... mais de 2 horas... disse que não ia sair enquanto eu não arrumasse o dinheiro.

VADO - E daí? O que a senhora fez?

SANTINHA - Daí que eu pensei... pensei... e me lembrei de um cházinho.

GIL - (escandalizado) Chá?

SANTINHA - É...e feito de ervas e mais umas coisinhas... só eu sei preparar... é um segredo de família... minha mãe me ensinou antes de morrer... que Deus a tenha.

BETO - (pensando) É o mesmo chá que a senhora fez para o Cícero?

SANTINHA - Não... quê isso... vire esta boca prá lá... o do Cícero era um cházinho de erva cidreira com novalgina... o do chantagista não...era bem mais forte... é tiro e queda pra quem está muito nervoso... por sinal, é o mesmo que eu fiz pró meu falecido no dia da morte dele... coitado, ele também estava uma pilha de nervos... que Deus o tenha... eu vou contar...

GIL - (cortando) Depois a senhora conta, quero saber sobre o chantagista, ele bebeu o chá?

SANTINHA - Claro, ninguém resiste ao aroma das ervas que coloco... fica tão cheiroso...

VADO - Depois que ele bebeu, o que aconteceu?

SANTINHA - Nada...

BETO - Nada?

SANTINHA - É... igualzinho ao meu falecido.. .ele foi ficando verde, verde e foi se acalmando... depois foi ficando roxo e não me importunou mais... caiu e ficou quietinho... só não deixei ele lá porquê não tem espaço... meu apartamento é tão pequeno, não cabe mais ninguém lá...

GIL - E porisso resolveu trazê-lo para cá, não é?

SANTINHA - Como o Cícero já estava aqui, lembrei daquele ditado: "Onde cabe um cabem

dois"... e como já tinha a chave, o arrastei para cá... (queixosa) fiquei cansadíssima... ele pesa tanto.

VADO - E porquê ele estava sem calça? Tentou seduzi-la?

SANTINHA - Não...quê isso... o que houve foi que eu o arrastei segurando nas pernas da calça mas de repente ela saltou e ficou em minhas mãos...eu cai prá trás...lá no corredor...então resolvi continuar a arrastá-lo segurando pelas pernas... chegando aqui deixei a calça num canto... não quis ficar com ela, eu não ponho a mão no que não me pertence.

VADO - Não? E o nosso dinheiro?

SANTINHA - (encabulada, alarmada) Ah! É mesmo...os cheques...tinha até me esquecido deles...Tô com a memória tão fraca...

GIL - Pois eu não... lembro muito bem dos meus 120.000,00.

BETO - E dos meus 95.000,00

SANTINHA - (querendo ser agradável) E dos seus 75.000.00 não é Vado?

VADO - Isso mesmo...eu quero o meu dinheiro.

SANTINHA - (chorosa) Sabem o que foi?...Eu não fiz por maldade... é que, quando ele estava caído lá em casa, eu revistei os bolsos dele...achei as chaves do seu escritório...520,00 e os cheques de vocês... (humilde) aí, depois de trazê-lo para cá, fui ao banco e descontei os cheques...fui dar uma volta, passei em frente ao Mappin e...

GIL - Já sabemos, comprou uma televisão de 180.000.00 mas mesmo assim ainda sobrou dinheiro, onde está?

SANTINHA - (humilde) Fiz umas comprinhas no "Peg-Pag" e não sobrou nada.

BETO - (que estava fazendo contas) Comprinhas? A senhora pegou no banco 290.000.00...pagou 180.000.00 pela T.V. portanto ainda ficou com 110.000.00.

SANTINHA - É...sempre fui muito exagerada para comprar...o falecido vivia me chamando a atenção por causa disso.

BETO - Quer dizer que nosso dinheiro dançou, não é? (nervoso)

SANTINHA - (humilde, choramingando) Não fiquem nervosos...olhem, quando quiserem assistir televisão podem ir lá em casa...

GIL - É, não adianta chorar agora... pelo menos está tudo esclarecido.

BETO - Mas os corpos ainda estão aqui... temos que dar sumiço neles.

VADO - É mesmo... tinha até esquecido deles.

GIL - E agora já é muito tarde para levá-los para a "Serra do Mar".

BETO - (nervoso) Ah! É? Eu não passo mais uma noite com eles aqui dentro.

VADO - Gil, vamos levá-los para a casa de Da. Santinha... eles vieram de lá mesmo. (para Santinha) É só até amanhã.

SANTINHA - Minha casa não... desculpem mas lá não tem lugar.

VADO - A gente põe eles debaixo da cama.

BETO - Ou dentro do guarda-roupa.

SANTINHA - (apavorada) Não...minha casa não entra defuntos.

Crocodilo também chora

BETO - nervoso) Aqui também não... ou eu ou eles.

SANTINHA - (olha para a janela do prédio em frente) Eu tenho uma idéia. (mostra) Lá é que é o escritório do chantagista.

GIL - Eu sei... ele me mostrou.

SANTINHA - Porquê vocês não levam ele para lá... não tem ninguém.

VADO - Hein?

SANTINHA - (tirando do bolso do avental um molho de chaves) Olhem, estas chaves são de lá... estavam no bolso dele. (entrega p/ Gil)

BETO - E o porteiro?

SANTINHA - Naquele prédio não tem porteiro a noite... a chave da portaria deve estar aí também.

GIL - É, mas no nosso prédio tem o Sr. Joaquim, ele não sai da portaria.

BETO - E não adianta nada levar o Sandoval e deixar o Cícero aqui.

SANTINHA - Por isso não...levem os dois... um não vai incomodar o outro.

GIL - (pensa) Pode ser uma boa idéia... ninguém sabe que nós conhecemos o Sandoval... quando acharem os corpos não vão suspeita de nós.

VADO - E o Cícero vai vestido de Dama Das Camélias?

GIL - Porquê não? Vai parecer que eles eram casinho... e se suicidaram.

BETO - E o Sr. Joaquim... como vamos passar por ele? Vamos ter que fazer duas viagens... uma com o Cícero e outra com o Sandoval.

SANTINHA - O Sr. Joaquim podem deixar por minha conta, vou agora mesmo lá embaixo pedir para ele ligar minha T.V. nova, quando ele estiver lá em casa, vocês levam os defuntos eu fico olhando pela janela quando perceber que já acabaram eu agradeço e digo que ele pode voltar para a portaria.

VADO - O que você acha Gil?

GIL - (anima) Está bem... Da. Santinha faça o que disse.

SANTINHA - (animada) Ótimo...(saindo) Já vou...bom trabalho prá vocês. (sai)

GIL - Beto você fica vigiando aí do corredor quando a Santinha voltar com o Sr. Joaquim dê um sinal... e você Vado me ajude a tirá-los do banheiro... é agora ou nunca... (Vado e Gil entram no banheiro, Beto está olhando pelo olho mágico)

A LUZ FECHA -

EPÍLOGO

A LUZ ABRE COM GIL E VADO ENTRANDO PELA PORTA DA RUA, ESTÃO CANSADOS.

VADO - Tô morta...

GIL - (sentando sofá) Eu idem.

VADO - Nunca pensei que carregar defunto pesasse tanto.

GIL - Será que correu tudo bem com a Da. Santinha?

VADO - O Beto foi até lá para saber, será que o Sr. Joaquim ainda tá lá?

GIL - Eu fiquei assustado quando a saia do Cícero ficou presa na porta do elevador.

VADO - Do Cícero não... a minha saia.

ENTRA BETO, TAMBÉM CANSADO.

GIL - E então, o que ela disse?

BETO - Ela falou que teve um momento que o Sr. Joaquim olhou pela janela e nos viu carregando o Cícero.

GIL - (apavorado) Viu? O que ele falou?

BETO - Não precisa se preocupar...ela disse que inventou alguma coisa e ele não tocou mais no assunto.

GIL - Olhem, se amanhã ele perguntar alguma coisa vocês digam que era uma nossa amiga que estava passando mal e que nós íamos levá-la para casa.

BETO - (que está olhando para a janela em frente) Daqui dá para vê-los direitinho.

VADO - (olhando) Parecem um casalsinho se beijando.

GIL - (olhando) Foi difícil deixar o Cícero daquele jeito... ele já estava muito duro...

BETO - (triste) Adeus Cícero...

VADO - Estou com saudade do Jairo... bem que ele podia telefonar para mim pedindo desculpas.

GIL - Nada disso... chega... esqueça este cara... eu não agüentava mais as suas fossas diárias.

BETO - Parte prá outra... tá cheio de homem por aí.

VADO - (rindo) Você agora e viúva... viúva alegre.

BETO - E não vou perder tempo...entrou um boy para a loja que é uma graça.

GIL - Faça igual eu, não quero saber de compromissos, caso enche o saco e não leva a nada.

BETO - (boceja) Aiii...eu vou dormir... hoje foi um dia cheio. (entra quarto)

GIL - E amanhã é dia branco... eu tô podre... só espero que não caia nenhum viaduto amanhã.... (entrando em seu quarto) Boa-noite.

VADO - Vou fazer um xixi e depois também vou cair desmaiada na cama...

(entra banheiro, grita off) Aiiiiiii...

GIL - (off) Aiiii...

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Crocodilo também chora

BETO - (off) Aiiii...

BETO - (para Gil que saiu rápido do quarto) Porquê você gritou?

GIL - Eu gritei porquê você gritou e você, porquê gritou?

BETO - Eu gritei porquê o Vado gritou.

VADO SAI DO BANHEIRO TRANSTORNADO, OLHOS ARREGALADOS, BOQUIABERTO.

GIL - Porquê você gritou, Vado?

VADO - (não conseguindo falar) A...a...a...lá...no...chão...

BETO - O que foi?

GIL - Quem está no chão ?

VADO - Tá morto...lá no chão...mortinho...

BETO - (apavorado) Quem que tá morto lá?

VADO - O Sr. Joaquim.

OS TRÊS ARREGALAM OS OLHOS, FICAM ESTÁTICOS.

FIM

Crocodilo também chora